



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE  
JORNALISMO**

**A CHECAGEM DA INFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA: UM  
ESTUDO SOBRE O MÉTODO DAS AGÊNCIAS E PROFISSIONAIS DE  
*FACT-CHECKING***

Jessica de Freitas Cardoso

Brasília  
2023

JESSICA DE FREITAS CARDOSO

**A CHECAGEM DA INFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA: UM  
ESTUDO SOBRE O MÉTODO DAS AGÊNCIAS E PROFISSIONAIS DE  
*FACT-CHECKING***

Artigo apresentado ao Curso de Jornalismo da  
Faculdade de Comunicação da Universidade  
de Brasília, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Solano dos Santos  
Nascimento

Brasília

2023

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Solano dos Santos Nascimento  
Orientador - FAC/UnB

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Carolina Kalume Maranhão  
Membro - FAC/UnB

---

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá  
Membro - FAC/Unb

---

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Rafiza Luziani Varão Ribeiro  
Suplente - FAC/UnB

Brasília

2023

## **AGRADECIMENTOS**

Eu me lembro, com carinho, do dia em que fui aprovada para o curso de Jornalismo na Universidade de Brasília. Também nunca irei esquecer o sorriso que a minha mãe deu ao saber da notícia. A partir de então, tenho muito a agradecer. Mesmo tendo passado momentos difíceis e estressantes. Tenho muito a agradecer pelas oportunidades que ganhei, pelas experiências que vivi e por ter encontrado uma profissão que amo.

Primeiramente, tenho muito a agradecer à minha mãe, Jandira Dias, por dedicar a vida a mim. Por se sacrificar tanto para me criar praticamente sozinha e me dar todas as oportunidades de estudo que ela não teve. Obrigada mãe por acreditar em mim até mesmo nos momentos em que perdi a confiança em mim mesma. Obrigada por estar sempre ao meu lado. Eu devo a você todas as conquistas da minha vida. Também tenho muito a agradecer à minha tia e à minha segunda mãe, Roze Dias, por também ter dedicado sua vida para me criar e me fazer a mulher que sou hoje.

Agradeço também às minhas amigas e irmãs de coração Ana Luíza Ribeiro e Marcela Cristina Moreira Araújo por me ajudarem e me incentivarem a escolher o Jornalismo. À Raquel Ribeiro Fernandes por ser minha parceira na faculdade e ter compartilhado comigo as angústias e as vitórias acadêmicas. À Júlia Mano, Aline Marcolino e Luisa Guimarães por me apoiarem e aguentarem os meus surtos na reta final deste trabalho. Agradeço ainda à Universidade de Brasília e aos professores da Faculdade de Comunicação por todos os ensinamentos durante os anos de graduação.

Muito obrigada!

## RESUMO

Este estudo buscou entender como foi a checagem de conteúdos relacionados à pandemia de Covid-19. A pesquisa abordou o surgimento da checagem de fatos com uma área específica do jornalismo. Também falou sobre a metodologia adotada por duas agências (Lupa e Aos Fatos) e dois projetos de verificação (Estadão Verifica e UOL) para verificar conteúdos publicados em plataformas digitais. O estudo também trouxe um panorama sobre o início da pandemia de Covid-19 no Brasil e a disseminação de informações incorretas relacionadas à doença. Por meio de uma metodologia qualitativa, o trabalho analisou entrevistas em profundidade dirigidas por meio de um questionário fechado com checadores que atuaram nas iniciativas de checagem. A avaliação das respostas apresentou o entendimento de que o processo de checagem realizado em conteúdos sobre a pandemia teve diferenças em comparação a outros assuntos. A principal delas foi a falta de informações concretas sobre a Covid-19 por ser uma doença nova. Os profissionais também afirmaram que tiveram que trabalhar mais. A pesquisa revelou ainda que os checadores avaliam que a verificação de conteúdos sobre o coronavírus foi significativa e ajudou as pessoas a lidarem com a doença.

**Palavras-chave:** checagem; desinformação; jornalismo; pandemia; Covid-19

## **ABSTRACT**

This study aims to understand how subjects about the Covid-19 pandemic were checked. The research addressed the emergence of fact-checking with a specific area of journalism. It also spoke about the methodology adopted by two Brazilian agencies (Lupa and Aos Fatos) and two Brazilian verification projects (Estadão Verifica and UOL) to check content published on digital platforms. The study also provided an overview of the onset of the Covid-19 pandemic in Brazil and the spread of incorrect information related to the disease. Through a qualitative methodology, the study analyzed interviews conducted through a questionnaire with fact-checkers who worked in the initiatives of fact-checking. The analysis of the answers showed that the checking process carried out in content about the pandemic had differences in comparison to other subjects. The main one was the lack of concrete information about Covid-19 as it is a new disease. Professionals also said that they had to work harder because of it. Furthermore, the research revealed that the fact-checkers evaluate that the verification of content about the coronavirus was meaningful and helped people to deal with the disease.

**Keywords:** fact-checking; disinformation; journalism, pandemic; Covid-19

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
2.1. A verificação de fatos: de uma etapa do processo jornalístico a uma especialização.....	9
2.2. A metodologia de checagem de fatos.....	12
2.2.1. O processo na Lupa.....	13
2.2.2. O processo no Aos Fatos.....	14
2.2.3. O processo no Estadão Verifica.....	15
2.2.4. O processo no UOL Confere.....	16
2.3. A subjetividade na seleção dos conteúdos e nas etiquetas.....	18
2.4. A pandemia de Covid-19 e a disseminação de informações incorretas.....	18
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>23</b>
4.1. A rotina de trabalho e a checagem sobre a Covid-19.....	23
4.2. Diferenças e dificuldades na checagem sobre a Covid-19.....	24
4.3. As desinformações mais comuns sobre a Covid-19.....	27
4.4. A checagem de fatos e a sociedade.....	29
4.4.1. Os vieses de confirmação e a educação midiática.....	30
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A desinformação sobre diversos assuntos sempre fez parte da nossa realidade, mas nunca antes isso trouxe tantas consequências ruins para a vida das pessoas. Devido ao aprimoramento das redes sociais, intensificou-se ainda mais o compartilhamento de conteúdos duvidosos.

Durante a pandemia de Covid-19, a publicação de conteúdos inverídicos tornou-se ainda mais preocupante por se tratar de um momento de crise de saúde pública, no qual uma informação errada poderia levar à morte de um indivíduo. Postagens que propagavam inverdades sobre a origem do vírus e sobre remédios que curariam a doença ou poderiam prevenir a contaminação começaram a viralizar nas redes sociais e a confundir as pessoas. A onda de desinformação que acompanhou a pandemia até mesmo levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar, em 2020, a existência de uma infodemia.

Nesse contexto, este trabalho busca entender como ocorreu o processo de verificação de fatos durante a pandemia de Covid-19. Um dos focos é saber se houve alguma mudança entre a rotina de trabalho para checar outros assuntos e para verificar informações sobre o coronavírus. O estudo também busca compreender as maiores dificuldades enfrentadas pelos checadores no processo de verificação e qual é a opinião deles sobre o impacto do trabalho para a sociedade. Pretende-se ainda saber se o profissional teve de trabalhar mais para verificar os conteúdos sobre a pandemia.

Para responder esses questionamentos, analisaram-se as informações fornecidas em entrevistas em profundidade realizadas com checadores brasileiros que trabalham ou atuaram em agências de checagem durante a pandemia. As iniciativas escolhidas para o estudo foram: Lupa, Aos Fatos, Estadão Verifica e UOL Confere.

A fim de operacionalizar essa proposta de estudo, a próxima seção deste artigo fala sobre o surgimento da checagem de fatos como uma especialidade da atividade jornalística. Também serão abordados as metodologias de checagem adotadas por cada uma das quatro agências e o cenário da pandemia de Covid-19 no Brasil. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a construção da análise. A realização do trabalho contou com o uso de uma metodologia qualitativa. Por fim, aparecem os resultados e as conclusões que se centrarão sobretudo nas experiências vividas pelos entrevistados.



## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte do trabalho, o objetivo é falar sobre o cenário de pesquisa. Dessa forma, será apresentada uma explicação sobre o surgimento da verificação de fatos como uma área específica do jornalismo. O texto também abordará a metodologia de checagem adotada por quatro agências de checagem, sendo elas Lupa, Aos Fatos, Estadão Verifica e UOL Confere. Por fim, será apresentado um apanhado histórico do início da pandemia de Covid-19 e seus impactos no Brasil.

### 2.1 A verificação de fatos: de uma etapa do processo jornalístico a uma especialização

Há praticamente um consenso entre os pesquisadores (PRADO; MORAIS, 2018; SANTOS, 2020; SCOFIELD, 2019) sobre a origem da verificação de fatos como uma área especializada dentro do jornalismo. Mas antes de abordar o surgimento e a profissionalização da atividade, é importante ressaltar que a checagem de uma informação é uma parte inerente à atividade jornalística.

O trabalho do jornalista tem como princípio buscar a verdade de forma objetiva e precisa. O Código de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) estabelece a busca pela verdade e a precisão da informação mediante fontes diversificadas, seguras e documentadas como valores fundamentais. Para isso, é preciso que o profissional faça uma boa apuração: etapa da produção jornalística que tem a checagem como principal componente.

Além disso, Scofield (2019, p. 59) afirma que “o trabalho de checagem de fatos sempre existiu na mídia tradicional”. Segundo o autor, veículos pagavam uma pessoa para verificar as informações e “não deixar que erros e imprecisões chegassem ao leitor/espectador/ouvinte” (*ibidem*, p. 60). Mas com a crise do modelo de negócios dos veículos tradicionais, causada pelo surgimento da internet e da consolidação dela como o principal meio de consumo de notícias, redações tiveram que adotar uma estratégia de contenção de gastos. Dessa forma, os checadores foram um dos primeiros a serem demitidos (*ibidem*, 2019).

Segundo Prado e Moraes (2018, p. 6), o que diferencia o trabalho de checagem de fatos como uma área específica do jornalismo do processo tradicional de apuração é a “sua metodologia transparente e sua política de revisão interna que prioriza a informação correta em detrimento da informação mais rápida”.

A primeira iniciativa de checagem de fatos surgiu em 1991. Na época, o jornalista norte-americano Brooks Jackson, da *CNN*, recebeu a tarefa de checar a veracidade de todas as informações que os possíveis candidatos à presidência dos Estados Unidos diziam nos anúncios de televisão. Disputavam as primárias o então presidente George Bush (pai), pelo Partido Republicano, e Bill Clinton, do Partido Democrata.

Para checar as falas dos candidatos, Jackson criou o *Ad Police*, a primeira equipe jornalística especializada em verificar propaganda eleitoral.

[...] No processo, o jornalista percebeu a relevância e o entusiasmo com o formato e inaugurou, em 2003, com a ajuda da Universidade da Pensilvânia e do Annenberg Public Policy Center, o que se considera, hoje, a primeira plataforma de checagem de fatos online, o FactCheck.org. (SCOFIELD, 2019. p. 62).

O site está ativo até hoje. Quatro anos depois, em 2007, o jornalista Bill Adair, do jornal norte-americano diário da Flórida *Tampa Bay Times*, lançou o *PolitiFact* como uma seção na editoria de política do veículo. A iniciativa está em operação até os dias atuais e ganhou um Prêmio Pulitzer<sup>1</sup> pela cobertura da eleição dos Estados Unidos em 2008. Em 2018, a propriedade do projeto foi transferida do *Tampa Bay Times* para o *Poynter Institute for Media Studies*, uma escola de jornalismo e organização de pesquisa que é dona do *Tampa Bay*. A mudança permitiu que o *PolitiFact* funcionasse como uma organização sem fins lucrativos ao invés de ser uma seção na editoria de política.

Desde o surgimento do *Ad Police* e do *PolitiFact*, as plataformas de checagem só foram se multiplicando. Santos (2020, p. 41) aponta que a verificação de fatos passou a ganhar destaque nos últimos anos, em especial depois do “surgimento de empresas jornalísticas especializadas na checagem de dados”. Boa parte do destaque recente à atividade de verificação veio com o crescimento do compartilhamento de informações falsas nas redes sociais.

Segundo Scofield (2019), as agências de checagem chegaram à América do Sul em 2010 com a criação da Chequeado, na Argentina. Quatro anos depois, durante as eleições de 2014, surgia no Brasil o primeiro projeto de verificação: o blog Preto no Branco, desenvolvido pela jornalista Cristina Tardáguila, do jornal *O Globo*. O surgimento do projeto Truco, da *Agência Pública*, no mesmo ano também marcou a chegada do *fact-checking* ao

---

<sup>1</sup> Criado em 1917, o Prêmio Pulitzer é considerado um dos prêmios mais importantes nos Estados Unidos. Ele é concedido pela Universidade de Columbia, em Nova York, aos profissionais que se destacaram no jornalismo, literatura e música.

território brasileiro. No entanto, ambas iniciativas foram canceladas depois do processo eleitoral da época (SANTOS, 2020).

Mas não foi preciso esperar muito para que a checagem de fatos se consolidasse no Brasil. Em 2015, surgiram a Lupa e a Aos Fatos, as duas principais agências especializadas em *fact-checking* no Brasil. Ambas plataformas possuem o selo da IFCN (*International Fact-Checking Network* ou Aliança Internacional de Checagem de Fatos, em tradução livre), entidade ligada ao Instituto Poynter – uma escola de jornalismo e pesquisa da Flórida (EUA).

A IFCN é a organização responsável por basicamente checar os checadores (SCOFIELD, 2019). Ela também ajuda a profissionalizar a atividade de verificação de dados (PRADO: MORAIS, 2018) por meio de seu Código de Princípios. As diretrizes foram criadas em 2016 durante o *Global Fact 3* – evento anual que reúne agências de checagem do mundo.

Essa rede internacional de checadores monitora tendências, formatos e políticas sobre a verificação de fatos; ajuda a manifestar posições comuns entre os verificadores de fatos; promove padrões básicos através do código de princípios e projetos dos verificadores de fatos para rastrear o impacto da checagem de fatos; concede bolsas de fundos anuais; convoca verificadores de fatos em uma conferência anual; promove esforços na verificação mundial de fatos; fornece treinamento presencialmente e à distância; defende mais verificações de fatos [...] (SANTOS, 2020, p. 44).

O processo de verificação é guiado pelo código e somente as agências e projetos que cumprem todos os requisitos recebem o selo da entidade. São cinco princípios a serem seguidos (IFCN POYNTER INSTITUTE, 2020):

1. *Apartidarismo e imparcialidade*: avalia se a metodologia adotada pela iniciativa é consistente e se não há conteúdo enviesado. Ou seja, deve ser utilizado o mesmo padrão para a verificação de qualquer dado. Além disso, a iniciativa não deve defender ou assumir posições políticas sobre o assunto verificado.
2. *Padrão e transparência das fontes*: a iniciativa deve possibilitar que os leitores tenham acesso às fontes e possam checar por si próprios as informações divulgadas. A única exceção é quando a segurança pessoal de uma fonte corre o risco de ser comprometida. Nesses casos, as organizações devem fornecer o máximo de detalhes possível sobre a verificação.

3. *Transparência de financiamento*: exige que as iniciativas de checagem listem publicamente suas fontes de financiamento e garantam que os financiadores não têm influência sobre as verificações.
4. *Transparência de metodologia*: as iniciativas devem disponibilizar uma área em suas plataformas na qual explicam a metodologia que usam para selecionar, pesquisar, escrever, editar, publicar e corrigir suas checagens.
5. *Política aberta e honesta de correções*: em casos de erro, as iniciativas devem deixar claro quais são suas políticas. Além disso, as correções devem ser realizadas de forma clara e transparente.

Segundo Prado e Morais (2018), a definição de metodologias específicas para a atividade de checagem contribuiu para o crescimento do número de agências e projetos de verificação nos últimos anos. Em julho de 2022, 118 iniciativas de checagem constavam como signatárias do Código de Princípios da IFCN (IFCN POYNTER INSTITUTE, 2020). Dentre elas, quatro são brasileiras: Lupa, Aos Fatos, Estadão Verifica e UOL Confere.

## 2.2. A metodologia de checagem de fatos

Embora o *fact-checking* ainda trate da seleção e verificação da autenticidade de declarações feitas por autoridades públicas, partidos políticos, candidatos a cargos eletivos, entre outros (DINIZ, 2016), a demanda pelo trabalho de checagem se tornou necessária para além disso com a chegada da chamada era da pós-verdade<sup>2</sup>.

Os autores D’Anconna, (2017) Kakutani (2018) Spinelli e Santos (2018) consideram que 2016 marcou a origem da pós-verdade, sobretudo a segunda metade do ano quando houve o Brexit — processo de saída do Reino Unido da União Europeia — e a eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos. Segundo Spinelli e Santos (2018), as chamadas *fake news* são um dos principais produtos da era da pós-verdade, tendo as redes sociais como o principal meio de disseminação.

Por causa desse cenário, as agências também precisam verificar vídeos e “notícias” manipuladas para se parecerem com publicações da grande mídia. Além disso, a classificação de uma informação somente como “verdadeira” e “falsa” não é o suficiente.

O foco das iniciativas é verificar o grau de veracidade do dado que foi divulgado e é por isso que as agências Lupa e Aos Fatos e os projetos Estadão Verifica e UOL Confere

---

<sup>2</sup> Matthew D’Anconna (2017) lembra que, em 2016, o Dicionário de Oxford escolheu pós-verdade como a palavra do ano e definiu-a como “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crença pessoais”, (ENGLISH OXFORD, 2016).

possuem várias etapas de apuração e mais de duas etiquetas. Como aponta Santos (2018, p. 108), a quantidade de etiquetas “mostra a complexidade do trabalho investigativo e a inconsistência de uma classificação dualista entre verdadeiro ou falso”.

### 2.2.1. O processo na Lupa

A agência de verificação aponta “as declarações feitas por atores públicos e as informações potencialmente falsas que circulam em plataformas de redes sociais e em aplicativos de mensagem” como a matéria-prima de seu processo de checagem (LUPA, 2022). A plataforma também verifica a qualidade de produtos e serviços, anúncios publicitários, slogans e imagens (*ibidem*, 2022).

A escolha do dado que será checado se inicia a partir do acompanhamento de jornais, revistas, rádios, programas de televisão e internet. Os temas são variados. No entanto, o conteúdo só é verificado quando tem dados históricos, estatísticos, comparações ou afirmações sobre um fato. Segundo a agência, opiniões não são alvos de checagem, exceto quando elas são contraditórias. Nesse caso, o conteúdo é classificado com uma etiqueta que sinaliza que o conteúdo se trata de um texto de opinião. “A Lupa não faz previsões de futuro. Não aponta tendências nem avalia conceitos amplos” (LUPA, 2022).

Depois que o conteúdo é selecionado, o repórter da agência começa a checagem a partir de um levantamento de tudo que já foi publicado sobre o assunto em jornais, revistas e sites. Em seguida, busca dados oficiais sobre o assunto. O profissional também pode recorrer às assessorias de imprensa, à Lei de Acesso à Informação (LAI) e a entrevistas com especialistas a fim de garantir um bom contexto e evitar erros de interpretação do dado que está sendo verificado. O autor do conteúdo também é contatado pela agência para que ele possa dar um posicionamento oficial sobre o assunto.

Ao cumprir as etapas de sua metodologia, a Lupa se certifica de que entrega a seus leitores um texto objetivo, repleto de links que o ajudarão a reconstruir o caminho percorrido pelo chegador e a entender suas conclusões (LUPA, 2022, on-line).

Além do texto, as checagens são acompanhadas por etiquetas que sinalizam o grau de veracidade da informação. A escolha da etiqueta é selecionada pelo repórter responsável pela verificação, mas passa por duas edições antes de o conteúdo ser publicado. A agência Lupa trabalha com nove etiquetas e descreve elas da seguinte forma:

1. *Falso*: quando a informação está comprovadamente incorreta;

2. *Contraditório*: quando o dado contradiz outra informação compartilhada pela mesma fonte;
3. *Verdadeiro*: quando a informação está comprovadamente correta;
4. *Ainda é cedo*: quando o dado pode ser verdadeiro, mas ainda não é;
5. *Exagerado*: quando a informação está no caminho correto, mas o número citado é entre 10% e 100% maior do que o valor real;
6. *Subestimado*: quando a informação está no caminho correto, mas o número real é entre 10% e 100% maior do que o valor citado;
7. *Insustentável*: quando não há dados públicos que comprovem a informação;
8. *Verdadeiro, mas...*: quando a informação está correta, mas o leitor merece um detalhamento;
9. *De olho*: quando a informação ainda está em monitoramento.

### **2.2.2. O processo no Aos Fatos**

A agência de checagem também é responsável pela verificação de declarações, além de boatos, fotografias, vídeos, áudios, gráficos, panfletos, desenhos e outras mídias (AOS FATOS, s.d). O processo é realizado em 7 etapas:

1. Seleção do conteúdo a ser checado a partir de sua relevância. Segundo a descrição da agência, a informação é geralmente escolhida porque foi difundida por uma autoridade pública ou porque tem alto engajamento nas redes sociais;
2. Checagem da origem da desinformação;
3. Checagem em fontes confiáveis para conferir se a mensagem confere;
4. Consulta em fontes oficiais para confirmar ou não a informação;
5. Consulta em fontes alternativas;
6. Contextualização da informação;
7. Classificação da informação com as etiquetas.

Ao contrário da Lupa, o Aos Fatos trabalha somente com três etiquetas para sinalizar o grau de veracidade da informação. Dois editores são responsáveis pela edição do conteúdo antes de ele ser publicado, sendo que um dos editores confere as fontes consultadas para a checagem junto com o jornalista responsável pela verificação. O outro faz uma revisão final e assegura que o método adotado pela agência foi seguido. Todos os profissionais envolvidos devem chegar em um consenso a respeito da etiqueta que será usada. A agência detalha as etiquetas da seguinte forma:

1. *Verdadeiro*: “o cerne do tema checado é condizente com os fatos reportados por fontes idôneas e não carece de contextualização para se mostrar correto” (AOS FATOS, s.d.);
2. *Não é bem assim*: “a informação verificada está fora de contexto, foi inflada ou alterada, contradiz declarações passadas, carece de fontes e, sobretudo, tem como finalidade induzir a uma compreensão equivocada da realidade factual” (AOS FATOS, s.d.);
3. *Falso*: “dados e fatos confiáveis apontam o oposto ao que a informação pretende afirmar” (AOS FATOS, s.d.).

A agência também conta com o Radar, uma ferramenta de monitoramento automático e em tempo real para fazer a verificação de conteúdos. O objetivo, segundo o Aos Fatos, é “coletar conteúdos de baixa qualidade e potencialmente enganosos que circulam” em sites e em redes sociais (Twitter, YouTube, WhatsApp, Facebook e Instagram), “identificando com rapidez as publicações com potencial de viralização” (AOS FATOS, s.d.). A metodologia do Radar é dividida em cinco etapas:

1. *Escolha do tema*: a agência seleciona e mapeia os termos relacionados ao tema escolhido. Inclusive, o primeiro assunto monitorado pelo Radar foi a pandemia de Covid-19.
2. *Coleta de dados*: é feito um levantamento de publicações que contêm termos relacionados ao tema por meio de APIs (Interface de Programação de Aplicação).
3. *Organização*: o material coletado passa por uma série de processos que visam extrair dados relevantes sobre conteúdo, autoria, imagens e vídeos, entre outras informações.
4. *Análise*: as publicações coletadas são avaliadas por uma série de critérios.
5. *Notas*: cada material é classificado com uma nota entre 1 a 10. Quanto menor a nota, maiores as chances do conteúdo ser desinformativo ou conter erro. Apenas publicações com pontuação menor que 5 são exibidas no Radar.

### **2.2.3. O processo no Estadão Verifica**

Diferente das outras duas agências apresentadas neste trabalho, o Estadão Verifica, criado em 2018, se define como um núcleo de checagem. Pode ser entendido também como uma equipe ou um blog de *fact-checking* do jornal Estado de S. Paulo, também conhecido como Estadão.

A plataforma verifica conteúdos que viralizam nas redes sociais e no WhatsApp, sendo eles áudios, textos e imagens. Em 2019, o Estadão Verifica passou a fazer parte do

programa de verificação de fatos do Facebook no Brasil<sup>3</sup>. Dessa forma, os checadores começaram a verificar conteúdos publicados na plataforma e no Instagram denunciados como suspeitos pelos usuários das redes sociais (ESTADÃO VERIFICA, 2019). Já em 2020, a iniciativa inaugurou um serviço de *chatbot*<sup>4</sup> no WhatsApp para responder às dúvidas de leitores sobre conteúdos duvidosos. A ferramenta funciona da seguinte forma:

[...] o usuário manda um “oi” para o número (11) 97683-7490 e recebe um menu com opções. Ao escolher “1”, é convidado a enviar fotos, vídeos, áudios, textos e links suspeitos. Se o conteúdo já tiver sido verificado por nossa equipe, o usuário receberá a checagem de forma automática, em segundos. Caso a sugestão enviada ainda não tenha sido analisada, os checadores vão apurar e publicar um texto sobre o assunto (ESTADÃO VERIFICA, 2020).

O núcleo de checagem também sinaliza que não verifica “opiniões, comentários, previsões sobre o futuro e conceitos amplos” (ESTADÃO VERIFICA, 2020). O processo de checagem é feito por meio de “consulta a fontes oficiais sobre o assunto em questão, como bancos de dados públicos e órgãos governamentais” (*ibidem*, 2020). Fontes alternativas, como pesquisas, relatórios e entrevistas com especialistas, também podem ser usadas. A iniciativa trabalha com cinco etiquetas para sinalizar a veracidade de um conteúdo:

1. *Falso*: quando o conteúdo “não tem nenhuma base na realidade” (ESTADÃO VERIFICA, 2020);
2. *Enganoso*: quando o conteúdo distorce informações “para favorecer um indivíduo ou assunto” (ESTADÃO VERIFICA, 2020);
3. *Fora de contexto*: quando uma informação é retirada de seu contexto e seu significado é alterado;
4. *Verdadeiro*: quando o conteúdo pode ser comprovado como real a partir do processo de verificação.
5. *Sátira*: quando o “conteúdo humorístico tem potencial para enganar” (ESTADÃO VERIFICA, 2020).

#### 2.2.4. O processo no UOL Confere

---

<sup>3</sup> A iniciativa foi lançada em maio de 2018 no Brasil com a participação da Lupa e Aos Fatos. A parceria permite que as agências tenham acesso às publicações denunciadas como falsas pelos usuários das redes sociais.

<sup>4</sup> É uma ferramenta onde um programa de computador simula uma pessoa e conversa com outra por meio de aplicativos de mensagem, sites e outras plataformas digitais.



O UOL Confere se descreve como uma divisão do portal UOL “para checagem e esclarecimento de fatos” (UOL CONFERE, 2021) e estabelece quatro critérios para escolher o assunto que será checado; São eles:

1. *Se o conteúdo pode ser checado*: com isso o UOL Confere não verifica opinião e previsões.
2. *A fonte do conteúdo*: embora a iniciativa afirme que a checagem pode ser realizada em “qualquer assunto ou responsável pela desinformação” (UOL CONFERE, 2021), o UOL Confere “avalia que deve dedicar a maior parte de seus esforços a identificar e combater a desinformação disseminada por ocupantes de cargos públicos” (*ibidem*, 2021).
3. *A relevância do conteúdo*: que pode ser determinada pela fonte da desinformação, o alcance, a relevância do assunto e a urgência do tema.
4. *A disseminação do conteúdo*: o UOL Confere sinaliza que nem sempre publicará checagens de conteúdos que circulam em grupos pequenos para “evitar o risco de espalhar algo que pouca gente viu” (UOL CONFERE, 2021).

Depois da escolha do conteúdo que será checado, a iniciativa usa fontes públicas, entrevistas com especialistas e reportagens produzidas por outros veículos no mundo para fazer a verificação. As fontes usadas são sempre mencionadas. Para a checagem de imagens, o UOL Confere utiliza ferramentas de busca reversa, “como a busca por imagens do Google e a extensão *InVid*” (UOL CONFERE, 2021), além de mecanismos “que permitem verificar dados sobre uma fotografia, como a *Exif Viewer*” (*ibidem*, 2021).

Um editor sempre fica responsável por revisar todas as checagens antes da publicação. O UOL Confere trabalha com seis etiquetas para sinalizar o grau de veracidade da informação. São elas:

1. *Falso*: quando o conteúdo “não tem amparo em fatos e pode ser desmentido de forma objetiva” (UOL CONFERE, 2021);
2. *Insustentável*: “quando não há nenhum dado público que possa sustentar a alegação checada” (UOL CONFERE, 2021);
3. *Impreciso*: quando há alegações que apresentam “dados próximos da realidade, mas que são inexatos” (UOL CONFERE, 2021). A etiqueta também é usada em conteúdos “sem contexto suficiente para a compreensão correta do assunto” (*ibidem*, 2021).
4. *Distorcido*: quando o conteúdo usa informações verdadeiras, mas em contextos diferentes “alterando seu significado de modo a enganar e confundir quem os recebe” (UOL CONFERE, 2021);

5. *Exagerado*: quando o conteúdo exagera um determinado fato ou dado;
6. *Verdadeiro*: quando o conteúdo é comprovadamente correto e sem a necessidade de um contexto adicional.

### **2.3. A subjetividade na seleção dos conteúdos e nas etiquetas**

Embora as iniciativas de checagem apresentem de forma acessível a metodologia que eles utilizam para verificar conteúdos, o processo de escolha daquilo que vai ser verificado e o processo de categorização do conteúdo conforme as etiquetas permanece subjetivo para aqueles que não trabalham com a checagem de fatos. Não fica claro porque uma iniciativa, como a Lupa, trabalha com 9 etiquetas, mas outra, como os Aos Fatos, utiliza somente 3 para classificar os conteúdos.

Além disso, há uma curiosidade sobre os nomes que as iniciativas escolheram para cada etiqueta. Um conteúdo ser falso, por exemplo, significa que 100% da informação está errada. É mais fácil de entender. Mas existem dúvidas sobre o que seria um conteúdo exagerado ou subestimado. Talvez essa dúvida existe porque as etiquetas não têm um sentido objetivo por elas mesmas. Uma hipótese é que elas precisam ser acompanhadas pela informação que foi verificada para fazerem sentido.

### **2.4. A pandemia de Covid-19 e a disseminação de informações incorretas**

Com o surgimento da internet e a criação das redes sociais e de dispositivos móveis, a imprensa perdeu grande parte de seu papel como mediadora da informação. Segundo Maradei e Silva (2021, p. 48), “o fato é que, atualmente, convivemos com notícias que são mediadas por outros atores sociais que não mais os jornalistas, cientistas, acadêmicos, governos e instituições em geral”. A internet tornou possível que qualquer cidadão exerça os papéis de criador e disseminador de conteúdos (FALCÃO; SOUZA, 2021).

Dentro desse cenário, o desenvolvimento das tecnologias contribuiu para que um volume inédito de informações fossem publicadas e compartilhadas no meio digital, principalmente nas redes sociais. Como aponta Teixeira (2018), o ambiente digital deu às *fake news* uma nova potência. Foi por causa do grande número de compartilhamentos que as pessoas puderam consumir ainda mais apenas conteúdos que confirmam o que elas acreditam ser verdade, mas que algumas vezes não são (SPINELLI; SANTOS, 2018).

Durante a pandemia de covid-19, essa questão tornou-se ainda mais preocupante por se tratar de uma questão de saúde pública, na qual uma informação errada pode levar à morte de uma pessoa.

O primeiro sinal do coronavírus causador da Covid-19 foi dado em 31 de dezembro de 2019 pelo governo da China. À época, as autoridades chinesas comunicaram a Organização Mundial da Saúde (OMS) que vários casos de uma pneumonia de origem desconhecida estavam sendo registrados em Wuhan, cidade na região central do país asiático.

Sete dias depois, em 7 de janeiro de 2020, a China confirmou a identificação de um novo tipo de coronavírus que passou a contaminar seres humanos. Após três dias, em 11 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas anunciaram a primeira morte causada pela doença. Em 13 de janeiro do mesmo ano, a OMS notificou o primeiro caso de infecção fora da China, com a doença sendo identificada na Tailândia.

Depois disso, o vírus se espalhou pelo mundo e fez a OMS decretar, em 30 de janeiro de 2020, uma emergência de saúde pública de interesse internacional (ESPII). A medida ocorre quando um “evento extraordinário pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido à disseminação internacional de doenças” (OPAS, s.d.). Ela também demanda uma “resposta internacional coordenada e imediata” (*ibidem*, s.d.).

Em fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde nomeou o novo coronavírus de SARS-CoV-2. Em 11 de março, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (OPAS, s.d.).

No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado em 26 de fevereiro do mesmo ano. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde até 30 de janeiro de 2023, mais de 36,8 milhões de casos de Covid-19 foram confirmados no Brasil, sendo que 696.892 pessoas morreram. No mundo, 670 milhões de pessoas contraíram a doenças e 6,83 milhões perderam suas vidas, conforme as informações do *Our World in Data*<sup>5</sup>, divulgadas até 29 de janeiro de 2023.

Com o avanço da doença pelo mundo, cientistas e pesquisadores começaram a estudar a doença e passaram a buscar formas de combatê-la. As primeiras vacinas contra a Covid-19 ficaram prontas em meados de 2020. Foi em 2 de dezembro de 2020 que o Reino Unido se tornou o primeiro país a aprovar um imunizante que ficou conhecido como Pfizer. No mesmo mês, a proteção começou a ser distribuída à população do país.

Entre o fim de 2020 e o início de 2021, outros imunizantes, como a Oxford/AstraZeneca, a Moderna, a Janssen, foram aprovados por organizações de saúde. No Brasil, a vacinação contra a Covid-19 começou em 17 de janeiro de 2021. Desde então, de

---

<sup>5</sup> É uma base de dados criada em 2011 por Max Roser na Universidade de Oxford, no Reino Unido. O projeto apresenta dados estatísticos sobre os maiores problemas do mundo, como mortalidade infantil, pobreza, fome, mudança climática, guerra e desigualdade. Desde 2020, a base de dados também apresenta informações sobre a Covid-19 no mundo.

acordo com dados do *Our World in Data* de até 29 de janeiro de 2023, mais de 175,5 milhões de brasileiros já se vacinaram com duas doses. Outros 13,54 milhões tomaram apenas uma. Os números representam que 82% da população está totalmente vacinada e 6,3%, parcialmente. No mundo, mais de 5 bilhões de pessoas (64% da população mundial) já se imunizaram completamente contra a doença e 449,2 milhões tomaram apenas uma dose (5,6%).

Como apontam Falcão e Souza (2021, p. 64), “tal como o coronavírus se espalhou pelo mundo, também se espalharam as *fake news* sobre o assunto”. Em uma entrevista para a Agência da Hora, um projeto do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a coordenadora de Produto da Lupa, Marcela Duarte, explicou que, durante a pandemia, existiram ‘ondas de desinformação’ relacionadas à doença. Em um primeiro momento, os conteúdos falsos ou imprecisos abordavam questões referentes à origem do vírus. Depois, veio a onda de “curas milagrosas” contra a Covid-19 (AGÊNCIA DA HORA, 2021). Já uma terceira onda de desinformação esteve relacionada à vacinação contra a doença.

Esse volume excessivo de informações propagadas sobre a Covid-19 até fez com que a OMS criasse, em 2020, o termo infodemia. A quantidade é a característica principal para a definição da palavra e também é o que causa, como reflexo, o compartilhamento de informações falsas ou imprecisas (FALCÃO; SOUZA, 2021).

Como já foi abordado nesse estudo, o trabalho de checagem de fatos parte da premissa de uma boa apuração da informação em fontes críveis, oficiais e especializadas. Mas por se tratar de uma doença completamente nova, o processo de verificação de dados relacionados à Covid-19 enfrentou obstáculos. Em entrevista à Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Cristina Tardáguila —diretora assistente da Rede Internacional de Checagem de Fatos — aponta essa questão. Segundo a jornalista, “os checadores se viram obrigados a trabalhar com bases de dados não consolidadas” e “em construção”, (ABRAJI, 2021, on-line).

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho adota a metodologia qualitativa para a coleta de dados a partir de entrevista em profundidade com jornalistas brasileiros atuantes em agências ou projetos de checagem. Essa abordagem foi escolhida como enfoque da pesquisa por tratar de uma metodologia que busca a compreensão a partir da perspectiva de seus participantes, pontos de vista e opiniões (SANTOS, 2020).

Sampieri et al (2013) aponta que as abordagens qualitativas são mais apropriadas quando o pesquisador tem interesse pelo significado das experiências, valores humanos, ponto de vista interno e individual das pessoas e pelo ambiente onde se dá o fenômeno. Isso é algo que pretende-se alcançar com este trabalho.

Dessa forma, o estudo tem como base principal quatro entrevistas em profundidade dirigidas por meio de um questionário fechado com perguntas específicas. Dos quatro jornalistas respondentes, dois trabalham nas agências Lupa e Aos Fatos e outros dois nos projetos Estadão Verifica e UOL Confere. As iniciativas de verificação foram escolhidas por serem as únicas no Brasil que possuem o selo da IFCN (*International Fact-Checking Network* ou Aliança Internacional de Checagem de Fatos, em tradução livre).

Houve uma preocupação de que cada entrevistado representasse uma das iniciativas de checagem abordadas no estudo. Além disso, assegurou-se que cada participante tivesse atuado especificamente na verificação de conteúdos relacionados a pandemia de Covid-19 entre 2020 e 2022. Participaram das entrevistas os seguintes profissionais:

1. *Alessandra Monnerat*: jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente, atua como editora-assistente no Estadão Verifica. Ela trabalhou como repórter durante a pandemia de Covid-19.
2. *Carol Macário*: jornalista formada pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e pós-graduada em Antropologia pela Universitat de Barcelona. Atua na agência Lupa como repórter. Em 2020, foi vencedora do programa FactCheckLab, regional Sul – uma parceria da Lupa com a Embaixada e Consulados dos EUA no Brasil.
3. *Bernardo Barbosa*: jornalista graduado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi editor-assistente do UOL Confere durante a pandemia de Covid-19, no qual trabalhou até junho de 2022. Antes, passou pelo Aos Fatos. Hoje em dia, trabalha na Reuters como editor de checagem.

4. *Luiz Fernando Menezes*: jornalista pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Atua como repórter no Aos Fatos desde janeiro de 2018.

As entrevistas foram realizadas por meio do WhatsApp e de e-mail, sendo que as checadoras Alessandra Monnerat (Estadão Verifica) e Carol Macário (Lupa) optaram por responder os questionamentos via áudio. Bernardo Barbosa (UOL Confere) também enviou as respostas na rede social, mas de forma escrita. Já Luiz Fernando Menezes (Aos Fatos) respondeu às perguntas por e-mail.

Para cada entrevistado, foi enviado o mesmo roteiro de perguntas com 7 questionamentos (ver apêndice A). Após a degravação das respostas em áudio e da análise individual de cada uma das entrevistas, os dados foram separados em tabelas de indução analítica (BECKER, 2008; 2009) desenvolvida na ferramenta *Google Docs*. As informações foram categorizadas em seis tópicos principais a partir da análise das respostas por meio de uma leitura flutuante. A construção das tabelas de indução analítica (ver Apêndice F) também ajudaram a chegar nos 6 tópicos principais que são:

1. Rotina de trabalho;
2. Checagem sobre a Covid;
3. Diferenças e dificuldades entre a checagem sobre a Covid-19 e outros assuntos;
4. Desinformações mais comuns;
5. Impacto da verificação de fatos na sociedade;
6. Como a sociedade enxerga a verificação de fatos.

Dentro de cada tópico principal, foram também desenvolvidos subtópicos que contextualizam os principais e permitem interpretar as informações fornecidas pelos entrevistados. Também foi criada em cada tabela uma sessão de observação, na qual se destacou alguma particularidade na resposta de um entrevistado. Os resultados dessas categorizações serão trabalhados na próxima seção deste trabalho.

## 4. RESULTADOS

Nesta seção, será apresentada a análise das entrevistas em profundidade com quatro checadores que atuam em agências ou em projetos de verificação de fatos. O objetivo é mostrar as opiniões deles sobre como foi o trabalho de checagem durante a pandemia de Covid-19 e falar se houve dificuldades e diferenças no processo de verificação sobre conteúdos relacionados à doença em comparação com outros assuntos. Também será apresentado a visão dos profissionais sobre a importância e o impacto da verificação de fatos na sociedade brasileira.

### 4.1. A rotina de trabalho e a checagem sobre a Covid-19

Os checadores entrevistados para este estudo afirmam que suas rotinas de trabalho começam com uma ronda a ser realizada nas principais redes sociais, como Facebook, WhatsApp, Instagram, Youtube e Twitter, a fim de encontrar eventuais publicações e declarações que precisam ser checadas.

Alguns deles também olham outros meios para saber quais conteúdos precisam ser verificados. Esse é o caso de Alessandra Monnerat (Estadão Verifica). Segundo ela, a agência usa o Google Trends<sup>6</sup> para saber os assuntos mais pesquisados pelas pessoas (informação verbal)<sup>7</sup>. Bernardo Barbosa, do UOL Confere, aponta ainda a importância de ler o noticiário do dia, já que a “desinformação geralmente aproveita assuntos que estão em evidência” (informação verbal)<sup>8</sup>.

Depois da ronda, são selecionados os conteúdos de maior relevância. Os critérios para essa seleção variam. De acordo com Luiz Fernando Menezes (Aos Fatos) e Carol Macário (Lupa), há um debate interno “muito grande” para avaliar o que é mais relevante do ponto de vista social e precisa ser checado (informação verbal)<sup>9</sup>.

A Lupa, por exemplo, tem o auxílio de ferramentas. A agência de checagem tem uma parceria com o Facebook que permite saber quando uma publicação foi denunciada como falsa e qual é o alcance dela. “A gente consegue ter algumas medidas e isso são alguns indicativos de que ele é um conteúdo altamente viral e que ele pode, com isso, chegar em muito mais pessoas, ou seja, desinformar muito mais pessoas” (informação verbal)<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup>Google Trends é uma ferramenta gratuita do Google que mostra os termos mais populares buscados. Ele apresenta gráficos com a frequência em que um termo é procurado em várias regiões do mundo.

<sup>7</sup> Informação fornecida pela checadora Alessandra Monnerat em 10/12/2022.

<sup>8</sup> Informação fornecida pelo chegador Bernardo Barbosa em 19/12/2022.

<sup>9</sup> Informação fornecida pelos checadores Carol Macário e Luiz Fernando Menezes em 9/12/2022 e 23/12/2022 respectivamente.

<sup>10</sup> Informação fornecida pela checadora Carol Macário em 9/12/2022.

Em relação à Covid-19, o processo de checagem foi apontado como semelhante ao realizado com outros assuntos pelos checadores do Aos Fatos e da Lupa, embora eles ponderem que existiram algumas particularidades (informação verbal)<sup>11</sup>. Já os profissionais do Estadão Verifica e do UOL Confere avaliam que o processo foi diferente (informação verbal)<sup>12</sup>.

Para aqueles que não trabalham com checagem de fatos, a maneira como os conteúdos são selecionados para serem verificados permanece subjetiva e bastante ligada ao tipo de desinformação que está sendo compartilhada. Embora os profissionais apontem que, geralmente, são selecionados para a checagem conteúdos que possuem relevância social e se tornaram virais nas plataformas digitais, não há critérios mais objetivos que estabelecem o que é mais importante e deve ser verificado. No caso da Covid-19, por exemplo, caso um checador opte por checar um conteúdo inverídico que aborda “curas” para a doença ao invés de verificar uma publicação desinformativa sobre a origem do vírus, não há respostas sobre os critérios que levaram o profissional a estabelecer que um conteúdo era mais importante que o outro.

#### **4.2. Diferenças e dificuldades na checagem sobre a Covid-19**

Uma das principais diferenças apontadas pelos checadores foi a falta de informações concretas sobre a doença. Monnerat (Estadão Verifica), Macário (Lupa) e Barbosa (UOL Confere) avaliam que no início da pandemia, em 2020, o conhecimento era muito incerto e especulativo e isso foi considerado pelos checadores entrevistados um dos principais obstáculos para a checagem, principalmente porque uma base de dados confiáveis é a principal ferramenta de trabalho.

É a elas que os checadores recorrem para saber, por exemplo, se os políticos falam a verdade sobre resultados de suas administrações, se são corretas as citações de agentes públicos ou privados sobre saúde, educação, emprego, inflação, desmatamento, segurança, arte etc. É a base dados que permite dizer se informações médicas e científicas divulgadas por leigos na internet correspondem à realidade, ou se fotos e vídeos foram ou não adulterados. No caso da Covid-19, tudo é novo (DIEGUEZ, 2020)

---

<sup>11</sup> Informação fornecida pelos checadores Carol Macário e Luiz Fernando Menezes em 9/12/2022 e 23/12/2022 respectivamente.

<sup>12</sup> Informação fornecida pelos checadores Alessandra Monnerat e Bernardo Barbosa em 10/12/2022 e 19/12/2022 respectivamente.



Mas Monnerat (Estadão Verifica), Macário (Lupa) e Barbosa (UOL Confere) reconhecem que isso aconteceu porque cientistas e profissionais da saúde também ainda estavam descobrindo o que era o coronavírus e quais impactos ele poderia causar aos seres humanos.

Dessa forma, a checagem, em um primeiro momento, passou a ser principalmente baseada em entrevistas com especialistas, já que os estudos científicos e até mesmo as instituições ligadas à saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Ministério da Saúde no Brasil, ainda estavam começando a produzir conhecimento sobre a doença. Alessandra Monnerat, do Estadão Verifica, apontou essa questão durante a entrevista:

Eu acho que, na pandemia, foi um pouco mais diferente a checagem porque, como o conhecimento ainda estava avançando, a gente ainda não tinha certeza sobre algumas coisas. E aí, nesse caso, a gente tentava deixar claro para o leitor o que a gente sabia e o que a gente não sabia. Isso é um pouco diferente porque, para a checagem, a gente tem que ser bastante conclusivo. A gente tem que bater o martelo, colocar um selo, colocar que algo é falso, enganoso, e às vezes, com a Covid, nem sempre a gente tinha tanta certeza assim. [...] Eu acho que isso foi um pouco diferente no nosso processo. A gente passou a confiar em entrevistas com especialistas e menos em documentos públicos, dados públicos, coisas que a gente usaria em checagem sobre outros temas (informação verbal)<sup>13</sup>.

Além de deixar claro para o leitor os assuntos que ainda não tinham informações mais concretas, Bernardo Barbosa, do UOL Confere, aponta que os jornalistas precisaram ser ainda mais cuidadosos nas checagens. Ele disse que “nem sempre era possível publicar uma checagem justamente devido a esta falta de informação” (informação verbal)<sup>14</sup>.

À medida que os estudos foram desenvolvidos, eles passaram a integrar o processo de checagem ao serem utilizados também como fonte para comprovar se um conteúdo não era verdadeiro. No entanto, Monnerat (Estadão Verifica) e Carol Macário (Lupa) analisam que foi necessário acompanhar as descobertas que a ciência fazia sobre a doença, que evoluíam de maneira rápida. A compreensão das pesquisas e, depois, a explicação delas para o cidadão comum foi uma das dificuldades apontadas pela checadora da agência Lupa:

A gente se debruçou muito em interpretar estudos científicos que, às vezes, são muito restritos a um grupo de pessoas que estudam determinado assunto. Estudos na área da saúde têm uma linguagem que é muito particular e que, eventualmente,

---

<sup>13</sup> Informação fornecida pela checadora Alessandra Monnerat em 10/12/2022.

<sup>14</sup> Informação fornecida pelo checadador Bernardo Barbosa em 19/12/2022.

peças que não são da área da saúde não assimilam com tanta facilidade. E o nosso trabalho, nosso desafio, é justamente a gente conseguir fazer com que isso fosse mais compreendido pelas pessoas. Então, esse trabalho de tu interpretar estudos, saber o que é e conseguir explicar para as pessoas, isso foi muito interessante, mas igualmente desafiador (informação verbal)<sup>15</sup>.

O checador do Aos Fatos, Luiz Fernando Menezes, afirma que muitas vezes também foi necessário recorrer aos estudos antes de conversar com especialistas para poder checar desinformações mais complexas. No entanto, às vezes, era necessário fazer o inverso: “Alguns assuntos eram tão específicos que às vezes precisávamos de especialistas não para desmentir, mas para entender o que a desinformação estava dizendo” (informação verbal)<sup>16</sup>.

O jornalista também aponta outra dificuldade enfrentada pelos profissionais na hora de verificar assuntos relacionados à Covid-19: a falta de assistência do Ministério da Saúde no Brasil (informação verbal)<sup>17</sup>. Menezes, junto com outro repórter do Aos Fatos, Marco Faustino, publicou uma reportagem sobre a questão em 25 de fevereiro de 2021 no site da agência de checagem. Intitulada de “Seis práticas do Ministério da Saúde que incentivam desinformação sobre a pandemia”, a matéria afirma que o órgão “se converteu em catalisador de desinformação” durante o período (MENEZES; FAUSTINO, 2021). As atitudes que promoveram a desinformação, segundo a reportagem, foram:

1. Defesa da hidroxicloroquina;
2. Informações desatualizadas sobre o vírus;
3. Falta de transparência na divulgação de dados;
4. Ausência de campanhas preventivas;
5. Abandono de ações informativas; e
6. Omissão de dados desfavoráveis ao governo.

Por causa dessas dificuldades apontadas, todos os checadores entrevistados para este estudo avaliam que os profissionais tiveram que trabalhar mais para verificar os conteúdos relacionados à doença. A jornalista Carol Macário, da Lupa, também fala sobre o impacto mental que o trabalho de checagem na pandemia teve no próprio checador. Segundo ela, o profissional teve que buscar uma estabilidade mental para conseguir lidar com o tipo e com a quantidade de informação que era recebida:

---

<sup>15</sup> Informação fornecida pela checadora Carol Macário em 9/12/2022.

<sup>16</sup> Informação fornecida pelo checador Luiz Fernando Menezes em 23/12/2022.

<sup>17</sup> Informação fornecida pelo checador Luiz Fernando Menezes em 23/12/2022.

Falar sobre uma doença, falar sobre mortes, falar sobre uma coisa tão grave como foi a pandemia da Covid-19. Ela evidentemente teve um impacto mental muito grande. Acho que todo jornalista que trabalhou com isso sentiu. A gente desmentindo a informação sobre isso foi muito desgastante, muito mesmo. É como tu mexer num esgoto, né? É como tu mexer num lugar que ninguém quer. Então, espalhar desinformação sobre uma coisa que pode, por exemplo, levar à morte de alguém, isso é muito grave. E a gente ter que desmentir isso é uma coisa que quase dá nos nervos. É desgastante. Tu tem que mexer lá no lixo, olhar e evitar que esse lixo se espalhe (informação verbal)<sup>18</sup>.

### 4.3. As desinformações mais comuns sobre a Covid-19

Como aponta Barbosa (UOL Confere), o nível de incerteza sobre a doença era muito grande e isso se tornou um “terreno fértil” para a desinformação. “Muitas das checagens ficavam limitadas a uma explicação sobre a falta de contexto de determinadas alegações. Quem quer desinformar se aproveita muito deste tipo de momento” (informação verbal)<sup>19</sup>.

Os tipos de conteúdos inverídicos mais propagados durante a pandemia foi variando com o tempo. Houve ainda as motivações por trás, já que há desinformações compartilhadas com o objetivo de apenas confundir, outras que escondem objetivos financeiros e outras motivadas por interesses políticos de líderes, partidos, grupos ou estados (DIEGUEZ, 2020).

Em um primeiro momento, as ondas de mentiras estavam muito relacionadas à origem do coronavírus. Monnerat (Estadão Verifica) indicou essa questão na entrevista:

Teve muita gente falando que era um vírus fabricado por humanos, fabricado como uma arma química, que foi fabricado pela China. E esse tipo de alegação surgiu desde o início da pandemia e a gente não tinha muito como rebater porque até então não se tinha o conhecimento sobre isso. O que a gente fez foi conversar com especialistas que falavam que muito dificilmente seria algo fabricado. [...] Hoje a gente tem estudos sólidos que desmentem essa teoria da origem artificial do coronavírus, mas na época a gente não tinha e era algo que as pessoas precisavam ter respostas sobre (informação verbal)<sup>20</sup>.

A checadora do Estadão Verifica também fala sobre as desinformações divulgadas “sem malícia”, que são os conteúdos compartilhados sem a intenção de fazer mal (informação verbal)<sup>21</sup>. As divulgações são “realizadas por usuários que, dada a aparência de verdade da notícia, acreditam no conteúdo e o repassam adiante” (COUTINHO, 2020, p. 93).

Segundo Monnerat (Estadão Verifica), teve, por exemplo, uma onda de pessoas que propagaram publicações que afirmavam que a ingestão de chá poderia curar a infecção pelo

<sup>18</sup> Informação fornecida pela checadora Carol Macário em 9/12/2022.

<sup>19</sup> Informação fornecida pelo chegador Bernardo Barbosa em 19/12/2022.

<sup>20</sup> Informação fornecida pela checadora Alessandra Monnerat em 10/12/2022.

<sup>21</sup> Informação fornecida pela checadora Alessandra Monnerat em 10/12/2022.

coronavírus (informação verbal)<sup>22</sup>. “Eles recomendarem chá, chá de limão, chá de alho para curar Covid, sendo que não cura. Pode melhorar sintomas de gripe, diminuir sintomas de gripe, mas não cura Covid” (informação verbal)<sup>23</sup>.

Depois, a desinformação passou a ter como o foco os chamados “tratamentos precoces”, nos quais as publicações indicavam que o uso de determinados remédios – como cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina – impediriam a infecção pelo coronavírus. Segundo Macário (Lupa), esse tipo de desinformação se repetiu diversas vezes mesmo com as agências de verificação checando e desmentindo a informação (informação verbal)<sup>24</sup>. “Tinham coisas muito bizarras que a gente tinha [que checar] e que a gente até pensava ‘caramba, como que as pessoas acreditam nisso’” (informação verbal)<sup>25</sup>.

A Covid-19 começou a preocupar o mundo em 2019, mas já no fim de 2020 as primeiras vacinas contra a doença estavam sendo produzidas. Com isso, os imunizantes passaram a ser os alvos de desinformação.

Uma reportagem do checador Luiz Fernando Menezes (Aos Fatos) de dezembro de 2020 indica que os conteúdos desinformativos sobre as vacinas foram o segundo mais recorrente, perdendo apenas para alegações falsas sobre o número de mortes causado pela doença. As publicações atacaram principalmente a CoronaVac, vacina desenvolvida pela empresa chinesa Sinovac Biotech em parceria com o Instituto Butantan. O Aos Fatos chegou a desmentir que o imunizante causaria inchaços no rosto, danos irreversíveis ao DNA humano e “tornaria” pessoas homossexuais (MENEZES, 2020). As vacinas continuaram a ser foco de desinformação em 2021 e se tornaram o assunto mais frequente dentro da categoria de saúde, conforme a reportagem do Aos Fatos. Além da CoronaVac, a Pfizer e AstraZeneca também foram alvos de ataques.

Existiu ainda uma particularidade no Brasil envolvendo as desinformações compartilhadas sobre os imunizantes contra a Covid-19 e os “tratamentos precoces”. Ambos foram usados como bandeira política (informação verbal)<sup>26</sup>. Isso foi algo que a checadora da Lupa, Carol Macário, observou durante a entrevista.

Ao longo de 2020, o então presidente da República, Jair Bolsonaro, deu diversas declarações sobre a pandemia, nas quais apoiou o uso de medicamentos sem comprovação científica, como a hidroxicloroquina e a cloroquina, criticou o isolamento social e o uso de

---

<sup>22</sup> Informação fornecida pela checadora Alessandra Monnerat em 10/12/2022.

<sup>23</sup> Informação fornecida pela checadora Alessandra Monnerat em 10/12/2022.

<sup>24</sup> Informação fornecida pela checadora Carol Macário em 9/12/2022.

<sup>25</sup> Informação fornecida pela checadora Carol Macário em 9/12/2022.

<sup>26</sup> Informação fornecida pela checadora Carol Macário em 9/12/2022.

máscaras, comparou a doença a uma “gripezinha” e afirmou que quem tomasse a vacina contra o coronavírus viraria um jacaré.

Em 25 de março de 2020, uma reportagem do Aos Fatos concluiu que o alcance de publicações enganosas sobre o uso da cloroquina no tratamento da Covid-19 cresceu no Twitter depois que Bolsonaro anunciou, no dia 21 de março de 2020, o aumento da produção do medicamento. Para a matéria, foram analisadas mais de 8.000 publicações na rede social.

#### 4.4. A checagem de fatos e a sociedade

O trabalho de verificação, assim como o jornalismo em sua totalidade, é visto como um serviço voltado para a sociedade. Por isso, duas perguntas foram feitas aos entrevistados a fim de compreender a importância e os impactos da checagem de fatos. No entanto, todos os quatro checadores afirmaram que as questões eram difíceis de serem respondidas.

Em relação à primeira pergunta (Como você avalia o impacto do seu trabalho de verificação de fatos durante a pandemia na sociedade?), Alessandra Monnerat (Estadão Verifica), Carol Macário (Lupa), Bernardo Barbosa (UOL Confere) e Luiz Fernando Menezes (Aos Fatos) avaliam o trabalho como algo significativo, fundamental e que ajudou as pessoas na pandemia de Covid-19. Segundo os profissionais, é uma forma das pessoas saberem que um determinado conteúdo não é verdadeiro. Menezes pontua da seguinte forma:

Quero acreditar que ajudamos, sim, a diminuir o estrago que a desinformação causou e poderia causar na população. Se ajudamos algumas pessoas a tomar a decisão de se vacinar, então já ajudamos a salvar vidas. Se ajudamos as pessoas a não se automedicarem com medicamentos sem eficácia, mesma coisa (informação verbal)<sup>27</sup>.

Já na segunda pergunta (Como você acredita que a sociedade enxerga a checagem de fatos?), os checadores do Estadão Verifica, UOL Confere e Aos Fatos indicaram a polarização existente na sociedade brasileira, na qual parte das pessoas defendem o trabalho e outras questionam a verificação. Isso é algo observado por Monnerat (Estadão Verifica):

A gente vê muita gente que entra em contato com a gente para buscar informação confiável. Muita gente que agradece quando a gente manda a resposta. A gente recebe muitos comentários positivos no nosso WhatsApp, principalmente, que é uma ferramenta mais direta de contato com os leitores, mas também nas nossas redes. A gente vê pessoas defendendo a checagem de fatos. Vê pessoas defendendo nosso trabalho. Ao mesmo tempo, a gente também vê comentários negativos. Acho que principalmente comentários mais politicamente motivados, que acham que a gente

---

<sup>27</sup> Informação fornecida pelo checador Luiz Fernando Menezes em 23/12/2022.

pende mais para um lado do que para o outro. Que de alguma forma a gente é injusto nas classificações (informação verbal)<sup>28</sup>.

#### 4.4.1. Os vieses de confirmação e a educação midiática

É possível fazer uma relação entre a fala de Monnerat (Estadão Verifica) e o chamado viés de confirmação ou perseverança de crença. Segundo Pereira e Bavel (2018), as ideologias políticas moldam as interpretações de indivíduos sobre fatos e sobre a própria realidade. Isso faz com que as pessoas interpretem um fato de maneiras diferentes e até mesmo o adultere para validar sua crença. Os pesquisadores avaliam que esse é um dos motivos que explicam porque os seres humanos tendem a compartilhar notícias falsas.

O ato é ainda algo que abre margem para os chamados fatos alternativos. Kakutani (2018) aborda a questão e crítica a ideia de que todos os lados e toda a opinião, é válida. Para a autora, isso resulta em uma relativização dos fatos, e conseqüentemente, causa a morte da verdade:

O argumento pós-moderno de que todas as verdades são parciais (e dependem da perspectiva de uma pessoa) levou ao argumento de que existem diversas maneiras legítimas de entender ou representar um acontecimento. Isso tanto encorajou um discurso mais igualitário quando possibilitou que as vozes dos outrora excluídos fossem ouvidas. Mas também foi explorado por aqueles que quiseram defender teorias ofensivas ou desacreditadas, ou equiparar coisas que não podem ser equiparadas (KAKUTANI, 2018, p. 87).

Também em resposta à pergunta sobre como a sociedade enxerga a checagem de fatos, Carol Macário, da Lupa, afirma que, antes de avaliar a maneira como as pessoas veem o trabalho de verificação, é preciso ter mais educação midiática. Barbosa (UOL Confere) e Menezes (Aos Fatos) também citaram a questão.

A iniciativa consiste em criar uma cultura de alfabetização digital desde a infância, com a introdução de temas relacionados às mídias digitais e às *fake news* nas escolas para preparar a sociedade na hora de lidar com problemas referentes ao mundo digital. Tem o objetivo ainda de desenvolver competências para as pessoas consumirem, analisarem e produzirem conteúdos e informações verídicas no meio digital. Almeida, Lima, Oliveira e Chagas (2022. p.1477) avaliam a questão como uma meta que todo educador deve ter:

Explorar, criticar, interpretar e averiguar informações presente em vários textos digitais são as habilidades que a alfabetização midiática possibilita ao corpo docente e discente, assim faz-se fundamental que a escola oportunize políticas e estratégias que contemplem a alfabetização informacional e midiática.

---

<sup>28</sup> Informação fornecida pela checadora Alessandra Monnerat em 10/12/2022.

Países como a Finlândia e a Estônia são considerados grandes exemplos por adotarem diretrizes em suas bases curriculares educacionais para ensinar nas escolas maneiras de identificar e combater *fake news* ao ensinar os métodos geralmente usados para enganar as pessoas. O Brasil engatinha nessa direção. Instituições de ensino realizam projetos que buscam abordar a educação midiática no dia a dia (MACHADO, 2022) Há ainda a criação de programas, como o Educamídia<sup>29</sup>.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, traz um campo denominado jornalístico-midiático na parte referente à aprendizagem da língua portuguesa. Segundo o documento, a área tem o objetivo de ampliar e qualificar a participação de crianças, adolescentes e jovens no tratamento a informação e opinião que estão no centro da esfera jornalística e midiática:

Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (BNCC, 2017, p. 140).

Em 14 de dezembro de 2022, a deputada Marília Arraes apresentou na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei nº 2985/2022 que pretende estabelecer a educação midiática na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O objetivo é que o assunto entre na grade curricular da educação básica. A proposta segue na Casa Baixa para apreciação do plenário.

---

<sup>29</sup> É um programa que busca capacitar professores e organizações na educação midiática. A iniciativa é do Instituto Palavra Aberta e tem o apoio do Google.org.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se compreender como foi o trabalho de checadores na verificação de conteúdos relacionados à pandemia de Covid-19 no Brasil. Para isso, foram realizadas entrevistas com quatro profissionais. Cada um dos participantes representou uma das quatro agências brasileiras que possuem o selo da IFCN, sendo elas Lupa, Aos Fatos, Estadão Verifica e UOL Confere.

A primeira constatação é que o processo de checagem realizado em conteúdos sobre a Covid-19 apresentou diferenças em comparação a outros assuntos verificados. A principal delas foi a falta de informações concretas sobre a doença. Depois, os checadores tiveram que acompanhar as descobertas da ciência, que evoluíam de maneira rápida. Além disso, os profissionais tiveram que compreender o que as pesquisas diziam e fazer uma espécie de tradução do conteúdo a fim de possibilitar que um cidadão comum pudesse entender a doença e seus efeitos. Houve ainda uma particularidade no Brasil que acabou se tornando um obstáculo para o trabalho de checagem: o uso das desinformações sobre as vacinas e o chamado “tratamento precoce” como bandeira política.

Devido a todas essas questões apresentadas, os quatro checadores entrevistados avaliaram que tiveram que trabalhar mais para verificar os conteúdos referentes à pandemia de Covid-19 em comparação a outros assuntos. Contudo, apenas um dos participantes do estudo abordou o impacto mental que o trabalho de checagem teve no profissional.

Outra constatação deste trabalho foi que os profissionais tiveram dificuldades na hora de avaliar os impactos e a importância da verificação de fatos na sociedade. Especificamente sobre a Covid-19, os participantes concluíram que o trabalho foi significativo, fundamental e ajudou as pessoas durante a pandemia.

Os participantes também não acharam fácil responder sobre a maneira como a sociedade observa a verificação de fatos. Mas indicaram que, devido à polarização existente no Brasil, uma parte da sociedade defende o trabalho e a outra crítica, principalmente porque a checagem pode invalidar certas interpretações de indivíduos sobre fatos e sobre a própria realidade. Os checadores apontaram ainda a necessidade de promover a educação midiática no currículo escolar do Brasil a fim de ensinar as pessoas a identificar e combater as *fake news*.

Diante da problemática da desinformação durante a pandemia de Covid-19, o trabalho do checador foi de grande importância para a sociedade. Este trabalho trouxe essa visão, além de ter como foco uma nova categoria profissional no jornalismo: a de checador. O estudo fala das dificuldades enfrentadas pelos profissionais, algo que levanta a questão sobre os impactos que a atividade de checagem tem sobre o jornalista em si. Como os resultados mostram, os



checadores tiveram que trabalhar mais para verificarem conteúdos relacionados à pandemia de Covid-19. Isso pode ter ocorrido porque se tratava de um momento atípico. Mas pode ter sido também porque as pessoas estão cada vez mais propagando desinformação. Portanto, o processo de *fact-checking* se torna ainda mais importante.

A pesquisa é um estudo sobre checadores e traz contribuições iniciais para essa nova categoria profissional que surgiu no jornalismo. Contudo, sugere-se o desenvolvimento de estudos que analisem como é a rotina dos checadores, quais são as competências necessárias para que ele exerça a função de checagem e se as faculdades brasileiras têm as ferramentas necessárias para formar um checador. É interessante entender ainda a relação do checador com as metodologias adotadas pelas iniciativas de *fact-checking*.

Também falando sobre as metodologias das iniciativas de checagem, os critérios que estabelecem a quantidade e os nomes das etiquetas utilizadas pelos projetos e embasam a seleção dos conteúdos para serem checados não são tão claros para as pessoas que não trabalham com a verificação de fatos. Embora a IFCN vise regulamentar e profissionalizar a atividade, a organização não estabelece, por exemplo, uma quantidade certa de etiquetas e nem um padrão para os nomes das etiquetas. Também não indica os valores que devem guiar o profissional na hora de selecionar os conteúdos para verificação. Por isso, também sugere-se o desenvolvimento de estudos que analisem de forma mais aprofundada essa questão e que indiquem maneiras de solucionar os problemas apontados.

Apesar das questões apresentadas, é importante lembrar que este trabalho não é um estudo de amostragem. Isso significa que não é possível afirmar que as análises dadas pelos quatro entrevistados vale para outros profissionais que atuaram na verificação de fatos sobre conteúdos relacionados à pandemia.

Dessa forma, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas sobre o processo de checagem de fatos com uma abordagem quantitativa, na qual será possível fazer inferências estatísticas. Também seria interessante entender qual foi o impacto do trabalho de verificação na pandemia no bem-estar dos profissionais. Para pesquisas futuras, sugere-se ainda uma análise para se saber como a sociedade avalia a checagem de fatos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAJI. Um ano depois da pandemia, jornalistas relatam desafios e danos à saúde mental. **Portal Abraji**, 2021. Disponível em <https://www.abraji.org.br/noticias/um-ano-depois-da-pandemia-jornalistas-relatam-desafios-e-danos-a-saude-mental>. Acesso em: 8 de abr. de 2022.
- AGÊNCIA DA HORA. Top 5 Fake News mais absurdas sobre a vacina. **Universidade Federal de Santa Maria**, 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/11/11/top-5-fake-news-mais-absurdas-sobre-a-vacina>. Acesso em: 3 de jan. de 2023.
- ALMEIDA, Geraldine Leal Martins *et al.* A educação midiática e o combate às fake news. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 5, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/5564>. Acesso em: 3 de jan. de 2023.
- AOS FATOS. A metodologia do Radar Aos Fatos. **Portal Aos Fatos**, 2015-2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/metodologia-radar-aos-fatos/>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.
- AOS FATOS. Todas as declarações de Bolsonaro. **Portal Aos Fatos**, 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em 14 de jan. de 2023.
- BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- BAVEL, Jay J. Van; PEREIRA, Andrea. The Partisan Brain: An Identity-Based Model of Political Belief. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 22, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364661318300172?via%3Dihub>. Acesso em 3 de jan. de 2023.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance**. 10. ed. Nova York: The Free Press, 1973. Disponível em: [https://monoskop.org/images/2/2b/Becker\\_Howard\\_Outsiders\\_Studies\\_In\\_The\\_Sociogy\\_Of\\_Deviance\\_1963.pdf](https://monoskop.org/images/2/2b/Becker_Howard_Outsiders_Studies_In_The_Sociogy_Of_Deviance_1963.pdf). Acesso em: 14 de jan. de 2023.
- BERTOLINI, Jeferson. Formas duradouras e formas emergentes de trabalho precário entre os jornalistas brasileiros. **Vozes e Diálogo**, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/7333/4549>. Acesso em 2 de abr. de 2022.
- BLANCO, Patricia; MANDELLI, Mariana. Precisamos falar sobre educação midiática. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/precisamos-falar-sobre-educacao-midiatica.shtml>. Acesso em: 3 de jan. de 2023.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Ministério da Educação**, Brasília, 2017. Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf);  
Acesso em: 3 de jan. de 2023.

BRASIL. Projeto de Lei nº 2985, de 14 de dezembro de 2022. Para incluir a educação midiática como tema transversal nos currículos da educação básica. **Câmara dos Deputados**, 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2342996>. Acesso em 3 de jan. de 2023.

BUTANTAN, Instituto. A velocidade com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde. **Portal Butantan**, s.d. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 31 de dez. de 2022.

COMPROVA. Sobre o Comprova. **Portal Projeto Comprova**, [s.d.]. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/about/>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

CORONAVÍRUS BRASIL. Painel Coronavírus. **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

COUTINHO, Bruna Macedo Limeira Lima. Fake News na internet: existe um direito fundamental à mentira? Uma análise sob a ótica do direito. **Centro Universitário 7 de Setembro**, 2020. Disponível em: [https://www.uni7.edu.br/wp-content/uploads/2021/06/Dissert\\_o\\_BRUNA\\_MACEDO\\_LI MEIRA\\_LIMA\\_COUTINHO.pdf](https://www.uni7.edu.br/wp-content/uploads/2021/06/Dissert_o_BRUNA_MACEDO_LI MEIRA_LIMA_COUTINHO.pdf). Acesso em: 31 de dez. de 2022.

CUNHA, Ana Rita; MENEZES, Luiz Fernando. Bolsonaro chega a 1.000 declarações falsas ou distorcidas com 492 dias de mandato. **Portal Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-chega-1000-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-com-492-dias-de-mandato/>. Acesso em: 14 de jan. de 2023.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DIEGUEZ, Consuelo. Caçadores de mentiras. **Revista Piauí**, ed. 165, 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cacadores-de-mentiras/>. Acesso em 31 de dez. de 2022.

EDUCA, Mídia. Quem somos. **Educa Mídia**, s.d. Disponível em: <https://educamidia.org.br/quem-somos>. Acesso em: 31 de jan. de 2023.

ESTADÃO. 'Estadão Verifica' lança novo serviço por WhatsApp. **Estado de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/estadao-verifica-lanca-novo-servico-por-whatsapp/>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

ESTADÃO. Estadão Verifica fecha parceria com Facebook para checar conteúdo falso na rede social. **Estado de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/estadao-verifica-fecha-parceria-com-facebook-para-quecar-conteudo-falso-na-rede-social/>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

ESTADÃO VERIFICA. Poder Recebeu algum boato? Envie para checagem do Estadão Verifica. **Estado de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/recebeu-algum-boato-envie-para-checagem-do-estadao-verifica/>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

ESTADO DE MINAS. Tudo sobre o coronavírus - Covid-19: da origem à chegada ao Brasil. Estado de Minas, 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna\\_nacional.1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna_nacional.1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml). Acesso em: 30 de jan. de 2023.

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. Pandemia de desinformação: as *fake news* no contexto da Covid-19 no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2219/2416>. Acesso em: 5 de mar. de 2022.

FENAJ. Código de ética dos jornalistas brasileiros. **Portal Fenaj**, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-1985-2007/>. Acesso em: 5 de fev. de 2022.

G1. G1 lança Fato ou Fake, novo serviço de checagem de conteúdos suspeitos. **Portal G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-servico-de-checagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

G1. Reino Unido aprova vacina da Pfizer e BioNTech e anuncia que iniciará aplicação na próxima semana. **Portal G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/02/reino-unido-anuncia-que-iniciara-a-vacinacao-contr-a-covid-na-proxima-semana.ghtml>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LIBÓRIO, Bárbara; FÁVERO, Bruno. Como a desinformação sobre cloroquina se multiplicou no Twitter após aval de Bolsonaro à droga. **Portal Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/como-desinformacao-sobre-cloroquina-se-multiplicou-no-twitter-apos-aval-de-bolsonaro-droga/>. Acesso em: 14 de jan. 2023.

LOPES, Anna Júlia. Relembra declarações de Bolsonaro sobre a vacinação. **Jornal digital Poder360**, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao>. Acesso em: 14 de jan. de 2023.

LUIZ, Thiago Cury. Populismo e desinformação no contexto da Covid-19: uma reflexão em torno das manifestações de Jair Bolsonaro durante a pandemia. **Repositório UFMT**, 2020. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/8391>. Acesso em: 14 de jan. de 2023.

LUPA. Como a Lupa faz suas checagens? **Portal Lupa**, 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

MACHADO, Daniela. O tempero brasileiro para uma educação finlandesa. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/12/o-tempero-brasileiro-para-uma-educacao-finlandesa.shtml>. Acesso em: 3 de jan. de 2023.

MARADEI, Anelisa; DA SILVA, Edna Fátima Pereira. Desinformação nas redes sociais digitais e o papel das agências de checagem em tempo de pandemia de covid-19. **Revista Rizoma**, v. 9, n. 1, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/16187>. Acesso em: 5 de fev. de 2022

MENEZES, Luiz Fernando; FAUSTINO, Marco. Seis práticas do Ministério da Saúde que incentivam desinformação sobre a pandemia. **Portal Aos Fatos**, 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/seis-praticas-do-ministerio-da-saude-que-incentivam-desinformacao-sobre-pandemia/>. Acesso em: 31 de dez. de 2022.

MENEZES, Luiz Fernando. Desinformações sobre mortalidade e vacina contra Covid-19 foram as mais populares em 2020. **Portal Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/desinformacoes-sobre-mortalidade-e-vacina-contracovid-19-foram-as-mais-populares-em-2020/>. Acesso em: 31 de dez. de 2022.

MENEZES, Luiz Fernando. Política supera pandemia e é o tema de desinformação mais checado em 2021. **Portal Aos Fatos**, 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/politica-supera-pandemia-e-e-o-tema-de-desinformacao-mais-checado-em-2021/>. Acesso em: 31 de dez. de 2022.

META. Facebook lança produto de verificação de notícias no Brasil em parceria com Aos Fatos e Agência Lupa. **Meta**, 2018. Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2018/05/facebook-lanca-produto-de-verificacao-de-noticias-no-brasil-em-parceria-com-aos-fatos-e-agencia-lupa/>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

MICK, Jacques; KIKUTI, Andressa. O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa. **Revista PLURAL**, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/179830>. Acesso em: 2 de abr. de 2022.

OUR WORLD IN DATA. Coronavirus Pandemic. Our World in Data, s.d. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus>. Acesso em 30 de jan. de 2023.

PALACIOS, Marcos. Fake news e a emergência das agências de checagem: terceirização da credibilidade jornalística?. In: MARTINS, Moisés de Lemos; MACEDO, Isabel. **Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono**. 1ª ed. Ribeirão: Edições Húmus, 2019. ISBN: 978-989-755-427-8. Disponível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/259/showToc](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/259/showToc). Acesso em: 8 de abr. de 2022.

POLITIFACT. The Principles of the Truth-O-Meter: PolitiFact's methodology for independent fact-checking. **PolitiFact**, 2018. Disponível em: <https://www.politifact.com/article/2018/feb/12/principles-truth-o-meter-politifact-methodology-i/>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

POSETTI, Julie; BELL, Emily; BROWN, Pete. Journalism and the pandemic: a global snapshot of impacts. **International Center for Journalists**, 2020. Disponível em: <https://www.icfj.org/our-work/journalism-and-pandemic-survey>. Acesso em: 26 de fev. de 2022.

PRADO, Jean Gabriel Reis; DE MORAIS, Osvando José. A checagem de fatos (*fact-checking*) como nova prática jornalística: história, crescimento e profissionalização. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0323-1.pdf>. Acesso em: 5 de fev. de 2022.

RÔMANY, Ítalo. ‘Gripezinha’, cloroquina, fim de pandemia: 10 informações falsas ditas por Bolsonaro sobre a Covid-19 em 2020. **Portal Lupa**, 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/12/30/informacoes-falsas-bolsonaro-covid-19>. Acesso em: 14 de jan de 2023.

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LUCIO, María. Metodologia de pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANA, Gislane Pereira; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Desinformação e “*fake news*” no contexto da pandemia no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 515–532, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/36692>. Acesso em: 18 de fev. de 2022.

SANTOS, Eduardo Bruno Almeida dos. Desafios na formação do jornalista diante do cenário de proliferação das *fake news*. **Repositório Ufal**, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/7025>. Acesso em 5 de fev. de 2022.

SANTOS, Kassia Nobre dos. Em busca da credibilidade perdida: a rede de investigação jornalística na era das *fake news*. **Repositório PUC-SP**, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21857>. Acesso em: 5 de fev. de 2022.

SARAIVA, Emanuel de Macêdo; SANTIAGO, Adriana. O fact-checking e a credibilidade jornalística: uma análise da Agência Lupa e do Estadão Verifica. **SBPJor** (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo), 2019. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/jpjour2019/paper/viewFile/2100/987>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

SILVA, Júlia Rodrigues da; LOPES, Larissa Bacelar Pontes; SILVA, Márcio Bezerra da. A presença das *fake news* em mídias sociais: um extrato de publicações sobre a Covid-19 no Facebook. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, ed. esp. MEDINFOR VINTE VINTE, p. 537-546, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/fontesdocumentais/article/view/679>. Acesso em: 18 de fev. 2022.

SPINELLI, Egler Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Jornalismo na era da pós-verdade: *fact-checking* como ferramenta de combate às *fake news*. **Revista Observatório**, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n3p759>. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6261>. Acesso em: 12 de mar. de 2022.

TEIXEIRA, Juliana Fernandes; MARTINS, Allysson Viana. *Fact-checking* no combate às *fake news* sobre a COVID-19: um estudo exploratório das agências digitais de checagem de fatos contra a desinformação da pandemia. **Revista Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 47, p. 63-81, 2020. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/7178](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7178). Acesso em: 7 de fev. de 2022.

UOL. Deputada propõe incluir combate a fake news no currículo da educação básica. **Portal UOL**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/12/15/marilia-arraes-educacao-midiatica-fake-news.htm>. Acesso em: 3 de jan. de 2023.

UOL. Conheça o método de checagem e a política de correções do UOL Confere. **Portal UOL**, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2021/07/21/conheca-o-metodo-de-checagem-e-a-politica-de-correcoes-do-uol-confere.htm>. Acesso em: 30 de jan. de 2023.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, p. 1146-1151, 2018. Disponível em: <https://www.science.org/doi/pdf/10.1126/science.aap9559>. Acesso em: 3.jan.2023.

XAVIER, Natália Laís Almeida. Jornalismo em tempos de *fake news*: a (re)construção do real e os riscos à credibilidade. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 41, 2019, Joinville-SC. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1734-1.pdf>. Acesso em: 12 de mar. de 2022.

## APÊNDICES

### A. ROTEIRO DE PERGUNTAS

1. Descreva um dia de sua rotina no trabalho de verificação de fatos.
2. Como foi feita a verificação de fatos relacionados à pandemia de Covid-19 desde a chegada da informação para checagem até a sua categorização de acordo com as etiquetas da agência?
3. Você notou alguma mudança entre a rotina de trabalho para checar outros assuntos e para verificar informações sobre a Covid? Você sentiu que teve que trabalhar mais?
4. Na sua opinião, quais foram as maiores dificuldades na hora de verificar as informações sobre a Covid-19?
5. Quais foram as desinformações mais comuns relacionadas à Covid?
6. Como você avalia o impacto do seu trabalho de verificação de fatos durante a pandemia na sociedade?
7. Como você acredita que a sociedade enxerga a checagem de fatos?

### B. ENTREVISTA COM CAROL MACÁRIO (LUPA)

A rotina da checagem da verificação varia de acordo com a pauta que a gente está. Então eventualmente a gente checa conteúdos, por exemplo, de políticos, de parlamentares, quando a gente checa o discurso, quando a gente checa informações ditas por autoridades públicas. Então, dependendo do dia, falando de forma geral, a gente tem uma pauta ou a gente tá trabalhando numa reportagem específica sobre isso, em que a gente vai mais a fundo, investiga, tento fazer uma análise de tudo está acontecendo, fazer a checagem de todas as informações ditas por essa autoridade e por aí vai.

Quando a gente tá fazendo a verificação de fatos ou (termo em inglês), que é de conteúdos que circulam nas redes sociais e que foi muito, foi a infodemia, que foi uma questão bem problemática durante a pandemia, a gente tem uma rotina bem puxada de fazer uma varredura nas redes sociais. A gente tem que estar muito atento em grupos de WhatsApp, Telegram, e redes sociais. Todas as plataformas, o Twitter, o Facebook, o Instagram, principalmente, o YouTube também. Então a gente tem que estar muito atento ao que está acontecendo nessas redes. Há um debate interno muito grande, sempre no sentido de saber, a gente avaliar o que é mais relevante do ponto de vista social. O que tem mais impacto. Que tipo de desinformação é mais problemática e ela está tendo um engajamento maior. A gente tem ferramentas para ver isso, para identificar. Por exemplo, as agências de checagem, de



maneira geral, têm parcerias com as com plataformas como Facebook, então a gente consegue saber, por exemplo, quando um conteúdo foi denunciado como possivelmente falso e quanto ele está circulando.

Então, a gente consegue ter algumas medidas e isso são alguns indicativos de que ele é um conteúdo altamente viral e que ele pode, com isso, chegar a muito mais pessoas, ou seja, desinformar muito mais pessoas. Então, a gente faz essa varredura, a gente debate, a gente tenta identificar o que é mais problemático. A gente tem muito debate interno para avaliar a relevância e, uma vez que a gente define isso, a gente faz a checagem em si. E aí é o processo de as técnicas de verificação, trabalho de apuração de jornalístico como tem que ser.

Durante a pandemia, a gente percebeu que o volume de desinformação, a maior parte, nos momentos mais dramáticos da pandemia, a maior parte dos conteúdos desinformativos era relacionado à pandemia de alguma forma. Então isso foi muito evidente. Até esses assuntos de política, principalmente que sempre vem à tona, eles tinham uma proporção muito menor.

E a rotina é muito semelhante à rotina que eu te descrevi anteriormente, que a gente avalia o que pode ter um impacto maior na sociedade, que a desinformação é muito nociva, se tá muito viral, a gente debate muito isso. E aí, uma vez que a gente avalia isso e que a gente vai checar, então a gente parte para o processo de apuração mesmo.

Especificamente para checar conteúdos relacionados a covid-19, no começo, muitas informações ainda eram iniciais. As pesquisas ainda eram iniciais em março de 2020, quando a pandemia foi oficialmente atestada pela OMS, que no Brasil a gente começou a ter os primeiros casos. Os estudos eram muito iniciais. Então, os estudos de possíveis tratamentos, para identificar cepa, que tipo de vírus é, se é outra linhagem, que vírus estava circulando no Brasil. Daí já se começaram as pesquisas para tentar chegar a uma vacina.

Então, a gente tinha, diariamente, que acompanhar também esse movimento da ciência. A gente tinha que estar atento a todos esses movimentos, sabendo que ciência é uma coisa que se produz diariamente e muita coisa vai mudando com o tempo. A rotina era um pouco semelhante àquilo que eu te descrevi antes, mas com essa perspectiva de que no começo ainda era tudo muito especulativo. À medida que o tempo foi passando, algumas coisas foram ficando um pouco mais claras. Então, por exemplo, em relação ao tratamento, num primeiro momento foram feitos testes, por exemplo, relacionado à ivermectina. Identificaram que in vitro teve uma resposta, mas aí se percebeu que aquilo era apenas in vitro, ou seja, que se fosse levar para fazer um teste no ser humano, aquilo não funcionava do mesmo jeito. Então a gente começou a ter resultados um pouco mais objetivos. Isso também

ajudou a gente a ter um pouco mais de bagagem para poder identificar os conteúdos falsos e poder, com ainda mais é referências de saúde científicas a gente poder comprovar que um assunto ou outro era falso.

A categorização também é um assunto que é sempre muito debatido internamente, para cada verificação, para cada checagem que a gente faz, isso é uma coisa que a gente tem muito cuidado. Mas a gente tem uma metodologia muito clara. A gente tem uma metodologia que qualquer pessoa pode entrar lá no site e dar uma olhada para entender o que significa quando é falso, o que é exagerado, o que é verdadeiro, mas. Então a gente está muito atento a nossa metodologia. Então a classificação, a categorização de selos é muito pautada nessa metodologia que a gente já tem.

A mudança de rotina para mim, para a minha experiência como repórter, é claro que a gente teve que incorporar muito mais pesquisa voltada para área da ciência. A gente teve que estar muito atento às pesquisas, aos estudos, o que estava sendo produzido de conhecimento em paralelo. Então, além do trabalho de apuração jornalística, de checagem, das técnicas de checagem, das ferramentas que a gente já usa, a gente teve que apurar o olhar para isso.

Em relação a trabalhar mais, obviamente, como muitas profissões, os jornalistas foram muito afetados porque existe hoje em dia, até uma discussão sobre, trauma secundário ou algo assim que se fala, porque muitas vezes a gente não está necessariamente sofrendo algum tipo de trauma, mas a gente tem que falar sobre ele. E falar sobre uma doença, falar sobre mortes, falar sobre uma coisa tão grave como foi a pandemia da covid-19. Ela evidentemente teve um impacto mental muito grande. Acho que todo jornalista que trabalhou com isso sentiu. A gente desmentindo a informação sobre isso foi muito desgastante, muito mesmo. É como tu mexer num esgoto, né. É como tu mexer num lugar que ninguém quer. Então, espalhar desinformação sobre uma coisa que pode, por exemplo, levar à morte de alguém, isso é muito grave. E a gente tem que desmentir isso é uma coisa que quase dá nos nervos. É desgastante. Tu tem que mexer lá no lixo, olhar e evitar que esse lixo se espalhe.

Então, a gente trabalhou muito. A gente segue trabalhando, mas a gente trabalhou muito e acho que teve esse adendo de ter que trabalhar com assuntos que são graves, que são difíceis. Tu falar sobre doença, sobre a morte e tu desmentir coisas que, por exemplo, a gente vê absurdos de pessoas dizendo que a máscara pode causar asfixia ou que poderia causar danos no cérebro, quando, na verdade, a máscara é um item que é fundamental para proteger as pessoas, evitar que o vírus se espalhe e é uma barreira de proteção para que tu não seja infectado. Ela é eficiente. É a única profilaxia que realmente funciona.

Eu acho que a principal dificuldade foi isso que eu estava relatando assim, era a gente manter a cabeça em paz, para que tu tenha condição emocional e mental para seguir fazendo trabalho. Eu acho que, como jornalista, é importante que a gente diga: a gente trabalha tendo que assimilar uma quantidade de informação muito grande. Informações que não são facilmente digeridas e cada um já vem com a sua própria bagagem de questões, tendo que lidar com um problema social tão grande como foi a pandemia, um problema de saúde pública e tal, onde as pessoas estavam de fato morrendo. Então, acho que a principal dificuldade era isso, manter a cabeça boa assim, para não pirar, tendo que digerir a informação que não era fácil de digerir.

Além disso, eu acho que num primeiro momento, muitas pesquisas no começo da pandemia estavam em andamento. Então, depois a gente já começou a ter resultados mais efetivos. Todo mundo, de alguma forma, aprendeu o que é, o que são testes, qual é o processo, quais são as diferentes fases que um medicamento precisa ter, que uma vacina precisa ser aprovada. Como são os estudos, como se identifica o vírus, como se sabe tudo isso. Então, acho que toda a sociedade interessada nisso, aprender um pouco isso, e a gente como jornalista também, a gente se debruçou muito sobre isso em interpretar estudos científicos que às vezes eles são muito restritos a um grupo de pessoas que estudam determinado assunto. Então, estudos na área da saúde têm uma linguagem que é muito particular, e que, eventualmente, pessoas que não são da área da saúde não assimilam com tanta facilidade e o nosso trabalho, nosso desafio é justamente a gente conseguir fazer com que isso fosse mais compreendido pelas pessoas. Então, esse trabalho de tu interpretar estudos, saber o que é e conseguir explicar para as pessoas, isso foi muito interessante, mas igualmente desafiador.

Eu percebi que o tipo de conteúdo desinformativo foi mudando ao longo do tempo. Então, no primeiro ano da pandemia, a gente tinha muita informação desconhecida sobre a origem do vírus. Muita gente dizia que era culpa da China ou que tinha sido uma armação. Tinham muitas teorias conspiratórias envolvendo o surgimento, da onde vinha o vírus, o que ele poderia ou não provocar, porque era muito especulativo no começo.

Depois, se começou já muita desinformação sobre possíveis tratamentos. Daí a gente tem esses chamados tratamentos precoces. Isso dominou durante muito tempo naquele primeiro ano da pandemia e depois no segundo ano também. Ali em 2020 e 2021, houve uma predominância muito grande de desinformação sobre tratamento precoce, ivermectina, hidroxiquina, e isso se repetir, se repetir, se repetir e se repetir assim enormemente mesmo a gente checando e desmentindo. Tinham coisas muito bizarras que a gente tinha e que era até difícil da gente pensar ‘caramba, como que as pessoas acreditam nisso’. E outras

tinham coisas até muito mais requintadas. Então, muita gente fazendo interpretação equivocada de metanálise, que é um tipo de pesquisa que ela é muito válida no campo científico, mas que nem sempre ela pode ser usada para validar a eficácia ou não de um medicamento. Então, a gente se deparou também com muitas pessoas da própria área da saúde que espalhavam desinformação de uma forma muito irresponsável e isso foi bem prejudicial, né, porque atrapalhava inclusive toda a pesquisa, todo o trabalho feito por centenas e milhares de profissionais do mundo inteiro trabalhando para tentar entender o vírus e achar formas de melhor tratar e prevenir.

Então assim acho que teve, num primeiro momento, muitas teorias conspiratórias em relação à origem. Depois, a gente começou a ter muita coisa sobre desinformação e na medida em que as vacinas foram sendo testadas, elas acabaram dominando também as redes, conteúdos desinformativos. A Pfizer foi mesmo um alvo muito grande e a Coronavac. No Brasil especificamente, a gente teve muito uma questão política envolvendo isso, então o tratamento precoce e ser contrário as vacinas acabaram virando uma bandeira política também. Então isso era ainda um outro fator. Mas as vacinas a gente teve muita coisa relacionada a isso. Muita desinformação. As vacinas não tinham nem sido aplicadas ainda e as pessoas já diziam que ou ia implantar chip, ou ia ser todo mundo controle, ou antenas de 5G iam controlar todas as pessoas, ou todas as grávidas que tomassem perderiam os seus bebês. Enfim, era muita desinformação sobre isso.

É difícil a gente avaliar o impacto na sociedade como um todo. A gente como repórter, como jornalista, a gente acompanha nas redes sociais a forma como as pessoas interagem, a resposta que elas dão aos conteúdos checados que a gente devolve para elas e tal. Eu acho que foi fundamental o trabalho da checagem de fatos na pandemia. A gente, não é para soar uma prepotência dizer que o jornalismo vai mudar o mundo ou o jornalismo ajudou as pessoas a passarem a pandemia, mas sim, eu acho que os jornalistas e quem trabalhou com checagem de fatos teve um papel muito importante no sentido de prevenir mesmo. A gente estava no meio de uma crise sanitária muito grave. Muita gente morreu. E na medida em que a gente ia desmentindo coisas que podiam inclusive levar a morte das pessoas, eu acho que a gente fez um grande trabalho. É um trabalho de formiga, é um trabalho que às vezes é desgastante, parece que não dá em nada, mas sempre surte efeito. É importante que se diga, a gente não vai mudar o mundo todo, mas o trabalho de checagem ele... E acho também, voltando no Brasil, acho que a gente teve uma edição interessante. Quando a gente teve no ano passado a CPI da Covid-19, o relatório final da covid, muitas checagens da Lupa foram citadas para mostrar o

quanto a desinformação pautou o debate público e quão fundamental foi o papel das agências de checagem para evitar que ainda mais desinformação se espalhasse.

Então, porque, na prática, principalmente o *the banking*, principalmente a verificação de fatos, que é o que a gente faz, por exemplo, com conteúdos que circulam na web, nas redes sociais, a gente consegue botar um selo, a gente consegue fazer com que certos conteúdos sejam removidos. A gente consegue fazer com que pelo menos eles tenham uma identificação de que aquele conteúdo é falso. Isso é bem importante, para a gente alertar as pessoas para que elas saibam que pelo menos elas não espalhem mais ou que aquele conteúdo é falso, enganoso, etc.

É difícil responder como que a sociedade enxerga. Assim, a gente vai tendo algumas percepções do impacto de quem trabalha com checagem de fatos. É uma coisa relativamente nova. É uma coisa muito focada dentro do jornalismo aqui no Brasil e isso é relativamente novo. É óbvio que checar fatos é naturalmente o trabalho de um repórter, de um jornalista, mas o trabalho que um checador de fatos faz é diferente. Então reconhecer isso é uma coisa um pouco nova dentro da própria área da comunicação e para a população em geral também era uma coisa nova, afinal, quem é isso dizendo se isso é falso ou não. Quem são eles. E a gente teve, no Brasil, uma questão política. A pandemia de covid-19 foi também usurpada politicamente. Foi usada como um jogo político, então ela foi sequestrada um pouco.

É difícil saber como a sociedade enxerga. A gente acha que devagarinho a gente vai fazendo um trabalho e a gente segue fazendo. Agora, passadas as eleições, a gente conseguiu medir um pouco mais assim o próprio número de pessoas que seguem a Lupa, o próprio número de pessoas que interagem, o tipo de conteúdo mais lido no nosso site. Então a gente vai tendo algumas formas de medir um pouco isso: até onde chega o nosso conteúdo.

Como a sociedade enxerga é uma coisa muito mais especulativa assim. É muito importante que a gente tenha mais educação midiática. E que talvez depois disso a gente tenha condição de avaliar melhor como a sociedade enxerga o trabalho de checagem de fatos. A gente precisa educar melhor as pessoas para que elas saibam como consumir informação na internet. Que as pessoas saibam o mínimo. Que elas saibam que não adianta ler só o título de um conteúdo, que não adianta só acreditar em tudo que chega pelo WhatsApp. É um trabalho enorme, para que isso aconteça, mas devagar e sempre, como se diz.

### **C. ENTREVISTA COM ALESSANDRA MONNERAT (ESTADÃO VERIFICA)**

Eu sou editora, então a minha rotina, geralmente eu começo pela manhã fazendo o monitoramento de redes. Vendo, por exemplo, no Facebook, o que tá mais viral. O que a gente pode pegar para checar. Vendo no WhatsApp quais são as mensagens que as pessoas mais mandaram, o que as pessoas estão mais em dúvida. Também olho outras redes sociais para ver se tem algum assunto que está mais em alta.

Vejo o Google Trends, se tem alguma coisa que as pessoas estão pesquisando mais. E aí vou pegando as postagens que eu vejo que são relevantes, podem ser enganosas e podem ser interessantes da gente checar e vou passando para os repórteres. Enfim, os repórteres que vão fazer a checagem, né. Eles geralmente consultam duas, três fontes para verificar se aquela postagem é verdadeira, enganosa, é falsa, se está fora de contexto. E aí depois de eles apurarem, escreverem o texto, eu edito e publico. E aí a gente distribui nas redes. Essa é a minha rotina.

Na pandemia, a checagem foi um pouco diferente, principalmente no começo da pandemia, lá em 2020. Naquela época, a gente ainda não tinha tantas informações sobre o coronavírus. O conhecimento científico sobre a doença, sobre o vírus, ainda estava se desenvolvendo, ainda não tinha tantas pesquisas publicadas. Então, naquele momento, a gente ficou muito dependente da opinião de especialistas, de médicos, infectologistas, virologistas que pudessem explicar para a gente com base no que se sabia até aquele momento, se uma ligação sobre a covid era verdadeira, falsa, enganosa, enfim.

Muitas vezes em que a gente não tinha certeza sobre uma coisa ou quando ainda não havia conhecimento suficiente sobre algum assunto, a gente tentava deixar claro: não há evidências suficientes ou não há ligação comprovada. Por exemplo, quando começaram a ter, isso já mais para frente, mas quando começaram a ter relatos de efeitos adversos de vacina que não eram comprovados, se eram de vacina ou não, a gente tentava deixar claro que não havia evidência que ainda não tinha sido comprovado.

Eu acho que, na pandemia, foi um pouco mais diferente a checagem porque como o conhecimento ainda estava avançando, a gente ainda não tinha certeza sobre algumas coisas. E aí, nesse caso, a gente tentava deixar claro para o leitor o que a gente sabia, o que a gente não sabia. Isso é um pouco diferente porque, para a checagem, a gente tem que ser bastante conclusivo. A gente tem que bater o martelo, colocar um selo, colocar falso enganoso e às vezes, com a covid, nem sempre a gente tinha tanta certeza assim. E aí nesse caso, eu acho que a melhor forma de agir mesmo era deixar claro essa incerteza e ser bem transparente no tratamento com os leitores sobre o que a gente sabia, o que não sabia.

Eu acho que isso foi um pouco diferente no nosso processo. A gente passou a confiar mais em especialistas, em entrevistas com especialistas. Menos em documentos públicos, dados públicos, coisas que a gente usaria em checagem sobre outros temas. À medida que foram sendo feitos estudos, à medida em que foi sendo produzido mais conhecimento sobre a doença, a gente conseguiu citar esses estudos, citar fontes diferentes, citar outras coisas que não entrevistas com especialistas.

Uma diferença foi a gente não ter muitas informações confiáveis no início da pandemia. Outra [diferença] é que a gente teve que trabalhar muito mais. Eu lembro que, no início da pandemia, a gente era em duas pessoas: dois repórteres e um editor. Eu era repórter ainda. E o volume de trabalho era muito, muito, muito pesado só para gente. Ainda mais que também a gente estava vivendo toda aquela incerteza, está trabalhando remotamente, um tipo de trabalho diferente. Teve um peso também pessoal nesse início de pandemia.

Depois, eu virei editora, a equipe aumentou, a gente teve reforços. Mas assim o volume de trabalho era muito grande. Acho que as pessoas estavam muito carentes de informação confiável, então a gente recebia muita mensagem no nosso WhatsApp, a gente via muita informação não confirmada, muita informação não confiável circulando. Então a gente tentava responder o máximo possível.

Eu acho que tinha também o movimento das pessoas, principalmente no começo, de tentarem ajudar mesmo sem conhecimento. Teve muito aquela onda das pessoas recomendarem chá, chá de limão, chá de alho para curar covid, sendo que não cura. Pode melhorar sintomas de gripe, diminuir sintomas de gripe, mas não cura covid. Então tinha muito esse tipo de informação de pessoas... desinformação sem malícia. Tem até um nome específico para isso em inglês, mas acho que não tem muito em português. Seria a pessoa que espalha a informação falsa sem uma intenção maliciosa.

Enfim, o volume de trabalho foi muito, muito grande. A gente teve que trabalhar muito. Então eu acho que isso que eu senti de diferente. E a gente trabalhava bastante também, eu acho que até com um sentido de estar fazendo um serviço público. De estar ajudando num momento de crise em que as pessoas realmente estavam precisando. Então, enfim, teve todos esses elementos aí que foram diferentes na pandemia.

Acho que a maior dificuldade foi essa falta de informação confiável. Essa tentativa de acompanhar o conhecimento sobre a covid, que evoluía muito rápido. Eu vou dar um exemplo: eu acho que uma coisa que teve muita desinformação ao redor desse assunto foi a questão da origem da covid. Teve muita gente falando que era um vírus fabricado por humanos, fabricado como uma arma química, que foi fabricado pela China. E esse tipo de

alegação surgiu desde o início da pandemia e a gente não tinha muito como rebater porque até então não se tinha o conhecimento sobre isso. O que a gente fez foi conversar com especialistas que falavam que muito dificilmente seria algo fabricado. Essa checagem sobre a origem do coronavírus e tal foi bem questionada até nos Estados Unidos.

Rolou uma polêmica grande com *PolitiFact* que fez checagem sobre a origem de coronavírus que foram bastante criticadas. Então, a gente teve essa dificuldade de ter uma informação conclusiva. De ter uma informação sólida porque o conhecimento ia avançando com o tempo. Hoje a gente tem estudos sólidos que desmentem essa teoria da origem artificial do coronavírus. Mas na época a gente não tinha e era algo que as pessoas precisavam ter respostas sobre e a gente não podia só não publicar nada sobre, não responder, enfim. Isso foi uma dificuldade que a gente teve.

Acho bem difícil afirmar com certeza qual é o impacto que a gente teve na pandemia. Qual o impacto que a gente está tendo porque a gente tem visto conteúdo sobre covid voltarem a circular. Eu acho que a gente fez um trabalho significativo. Eu acho que a gente, como eu falei, trabalhou bastante. A gente respondeu muita gente no WhatsApp. A gente publicou muita coisa sobre covid nesses anos de pandemia. A gente se esforçou bastante, sabe, e acho que não é um trabalho trivial tentar fornecer informação confiável no momento de tanta incerteza. Assim, eu acho positivo que as pessoas procuraram o verifica para tirar dúvidas, mandaram muitas mensagens para gente, entraram bastante em contato. Acho que é um impacto positivo das pessoas tentarem buscar informação confiável. Tentarem buscar informações apuradas e de qualidade. Mas é difícil. Não sei dizer.

Essa resposta também é difícil. Eu não sei dizer... não sei se tem alguma pesquisa que tenha medido a opinião da população sobre checagem. Não sei como a maioria das pessoas vê. Mas assim, eu acho que tem dois lados. A gente vê muita gente que entra em contato com a gente para buscar informação confiável. Muita gente que agradece quando a gente manda a resposta. A gente recebe muitos comentários positivos, sabe no nosso WhatsApp, principalmente, que é uma ferramenta mais direta de contato com os leitores, mas também nas nossas redes. A gente vê pessoas defendendo a checagem de fatos. Ver pessoas defendendo nosso trabalho.

Ao mesmo tempo, a gente também vê comentários negativos. Acho que principalmente assim, comentários mais politicamente motivados, que acho que a gente pende mais para um lado do que para o outro. Que alguma forma a gente é injusto nas classificações. Tem pessoas que questionam as parcerias com as empresas de tecnologia. Eu acho que a parceria com o Facebook foi muito questionada, principalmente no começo, o Aos Fatos e



Lupa foram muito atacados, que eles que começaram com a parceria, eles foram muito atacados, sofreram bastante com isso. Então tem um misto aí. Eu acho que tem um misto. Não é um assunto homogêneo aí para a sociedade. Não acho que todo mundo tem a mesma opinião, como muitas coisas na sociedade hoje em dia. As pessoas estão bem fragmentadas na sociedade. Muita gente pensa radicalmente diferente uma pessoa da outra. Eu acho difícil dizer, mas eu acho que, eu tento ser otimista. Pensar que a gente recebe bastante feedback positivo dos leitores e do jornal também. Para o jornal é um trabalho bem-visto.

#### **D. ENTREVISTA COM BERNARDO BARBOSA (UOL CONFERE)**

Em geral, o dia começa com o monitoramento de redes sociais e de sites que costumam publicar desinformação. Também é importante ler o noticiário do dia, pois a desinformação geralmente aproveita assuntos que estão em evidência. Após o monitoramento, podemos escolher conteúdos desinformativos para checar e produzir verificações de fatos sobre eles.

De forma geral, para as checagens sobre covid-19, buscamos entrevistar especialistas da área de saúde e consultar estudos acadêmicos revisados por pares que estivessem públicos, além de consultar os sites de órgãos como a Organização Mundial de Saúde e a Fundação Oswaldo Cruz, entre outros. A categorização dos conteúdos costuma ser a última etapa antes da publicação. Só depois de toda a apuração, e em alguns casos até depois da produção do texto, podemos ter certeza de como avaliar o conteúdo diante dos fatos que conseguimos reunir.

Sim [sentiu que trabalhou mais]. Em geral, eram checagens mais trabalhosas por se tratar de um assunto sobre o qual ainda havia muito a ser descoberto. O nível de incerteza era muito grande, e por isso nem sempre era possível fazer uma avaliação categórica do tipo "falso" ou "verdadeiro". Esse tipo de situação vira um terreno fértil para a desinformação, já que há muitas dúvidas e poucas certezas, e muitas das checagens ficavam limitadas a uma explicação sobre a falta de contexto de determinadas alegações. Quem quer desinformar se aproveita muito deste tipo de momento.

O fato de lidarmos com um assunto muito novo sobre o qual nem os especialistas tinham muito conhecimento foi a maior dificuldade para as verificações. Tínhamos que ser ainda mais cuidadosos nas checagens, e nem sempre era possível publicar uma checagem justamente devido a esta falta de informação. Vale dizer que isto não é uma crítica aos

especialistas, pelo contrário: eles também estavam sendo cuidadosos nas informações que nos transmitiam.

[As desinformações mais comuns relacionadas à Covid foram] uso de medicamentos sem comprovação de eficácia no tratamento ou prevenção da doença; e supostos efeitos colaterais graves das vacinas.

É difícil ter uma medida exata do impacto do trabalho de checagem, mas creio que todos os checadores (e a imprensa, de forma geral, ao lado dos especialistas que nos ajudaram) fizeram parte de um grande esforço para conter a desinformação sobre a pandemia. É importante destacar que a desinformação sobre saúde, talvez mais do que qualquer outra, pode oferecer riscos muito concretos para a vida das pessoas. Apesar de não termos como medir o impacto no dia a dia das pessoas, espero que as checagens publicadas tenham ajudado os leitores a tomar decisões melhores sobre sua saúde e evitar riscos desnecessários.

Também é difícil saber isso [como a sociedade enxerga a checagem de fatos]. Sabemos que uma parte apoia nosso trabalho e outra não, e essa segunda parte em geral tem uma motivação política muito grande por trás desta crítica: afinal, nos últimos anos, vários políticos e influenciadores construíram uma carreira com base na desinformação, e é natural que a checagem de fatos seja um alvo desse grupo. Suspeito que a maior parte das pessoas, infelizmente, ainda não tem contato com o trabalho dos checadores, nem sabe como nosso trabalho é feito. Mais importante do que como a sociedade nos enxerga seria dar mais instrumentos para as pessoas saberem diferenciar fatos de mentiras, estimulando principalmente o senso crítico. Acredito que, junto com mais investigações sobre o financiamento da desinformação, o papel dos checadores hoje em dia deve estar cada vez mais próximo da educação midiática -- ou seja, ensinar as pessoas a buscarem informações confiáveis.

## **E. ENTREVISTA COM LUIZ FERNANDO MENEZES (AOS FATOS)**

Todos os meus dias começam com uma ronda de fakes. Procuo por desinformação viral nas principais redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Telegram, TikTok etc) por meio de ferramentas de busca que as próprias plataformas disponibilizam ou por uma busca manual. Depois, a equipe se reúne para discutir quais desinformações desmentir e quem irá desmentir o que. Caso eu termine a checagem antes do final do expediente, acabo fazendo uma nova ronda para ver se nenhuma desinformação viralizou durante o dia.

[A categorização dos conteúdos sobre a Covid-19 conforme as etiquetas da agência] depende muito do tipo de checagem. Algumas desinformações eram muito simples, como vídeos descontextualizados ou imagens de outros países, por exemplo. Nesses casos, a checagem só requisitava uma busca reversa. Desinformações mais complexas, como falsas curas ou falsos efeitos colaterais, por exemplo, já requeriam especialistas. Aí nesses casos a gente sempre buscava estudos sobre o assunto antes de conversar com o especialista da área e perguntar sobre evidências científicas, por exemplo. Mas a ordem da checagem de desinformação da Covid-19 é a mesma de outros: a desinformação era identificada na ronda, distribuída para um repórter, que checava e sugeria um selo com base na checagem; depois essa checagem passava por dois editores, que revisam e confirmam o selo com base na nossa metodologia.

A diferença maior foi causada pela "dificuldade" de se desmentir desinformação relacionada à Saúde. Na maior parte das vezes, era necessário entrevistar um ou mais especialistas. Alguns assuntos, inclusive, eram tão específicos que às vezes precisávamos de especialistas não para desmentir, mas para entender o que a desinformação estava dizendo. Mas é fato que, principalmente no primeiro ano de pandemia, tivemos MUITA desinformação sobre Covid-19. Então acabou que o trabalho "aumentou" porque houve mais desinformações mais difíceis de serem desmentidas.

Mas uma coisa que lembrei: uma dificuldade foi a falta de assistência do Ministério da Saúde.

[As desinformações mais comuns relacionadas à Covid] depende do momento em que estamos falando. Acho melhor você ver pelos nossos relatórios anuais (2020 e 2021). Mas, no geral, a desinformação recaiu mais sobre as vacinas. Vacina que mata, vacina que quase mata, vacina que não funciona, vacina que é melhor que a outra, vacina que te magnetiza etc... Aqui tem um levantamento bem detalhado de toda a América Latina.

É difícil falar em "impacto" sem um levantamento que meça a recepção dos leitores... MAS, quero acreditar que ajudamos sim a diminuir o estrago que a desinformação causou e poderia causar na população. Se ajudamos algumas pessoas a tomar a decisão de se vacinar, então já ajudamos a salvar vidas. Se ajudamos as pessoas a não se automedicarem com medicamentos sem eficácia, mesma coisa.

Depende da parte da sociedade que estamos falando hahahaha. Existem pessoas que enxergam a checagem de fatos como um serviço essencial, tem quem ache que é censura hahahaha. É complicado responder essa pergunta com segurança porque trabalhamos em um meio muito polarizado e em um país com falta de educação midiática.

## F. TABELAS DE INDUÇÃO ANALÍTICA

Tabela 1 – Rotina de trabalho

Olha as redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram)	Alessandra, Carol*, Bernardo, Luiz*
Também faz ronda em outros meios (jornais, Google Trends, etc.)	Alessandra (Google Trends) e Bernardo (veículos)
Utiliza ferramentas para selecionar que conteúdo será verificado	Carol (cita parceria da Lupa com o Facebook)
Observações	*apontam que há um debate entre a equipe para saber os assuntos que serão checados ou não

Fonte: questionário aplicado aos participantes

Tabela 2 – Checagem sobre a Covid

Avalia que o processo foi diferente	Alessandra e Bernardo
Avalia que o processo foi semelhante, mas com algumas diferenças, especialmente devido à pouca informação sobre a doença.	Carol e Luiz
Teve que acompanhar as descobertas que a ciência fazia sobre a doença	Alessandra e Carol
Avalia que, no início da pandemia, as informações eram muito incertas e especulativas	Alessandra, Carol e Bernardo
Depois, passou-se a ter informações mais concretas sobre a doença. Estudos passaram a ser utilizados como meio de checagem	Alessandra, Carol e Bernardo

Fonte: questionário aplicado aos participantes

Tabela 3 – Diferenças e dificuldades entre a checagem sobre a Covid-19 e outros assuntos

Não ter informações confiáveis sobre a doença	Alessandra, Bernardo e Luiz
Estar mais atento aos estudos que estavam sendo produzidos sobre a doença	Carol e Luiz
Compreender e explicar o que os estudos falavam	Carol

O jornalista ter de lidar com a carga de informações e falar sobre um tópico sensível que foi a pandemia de covid	Carol
Falta de assistência do Ministério da Saúde	Luiz
Ter que trabalhar mais	Alessandra, Carol, Bernardo e Luiz

Fonte: questionário aplicado aos participantes

Tabela 4 – Desinformações mais comuns

Destacam que o conteúdo foi mudando ao longo do tempo	Carol e Luiz
Origem da Covid-19	Alessandra e Carol
Tratamentos da doença (“tratamentos precoces”)	Alessandra, Carol e Bernardo
Vacina contra a Covid-19	Carol, Bernardo e Luiz

Fonte: questionário aplicado aos participantes

Tabela 5 – Impacto da verificação de fatos na sociedade brasileira

Achou difícil responder	Alessandra, Carol, Bernardo e Luiz
Avalia como um trabalho significativo/fundamental/que ajudou as pessoas	Alessandra, Carol, Bernardo e Luiz
É uma forma das pessoas saberem que um determinado conteúdo não é verdadeiro	Alessandra, Carol, Bernardo e Luiz

Fonte: questionário aplicado aos participantes

Tabela 6 – Como a sociedade enxerga a verificação de fatos

Achou difícil responder	Alessandra, Carol, Bernardo e Luiz
Avalia que existem dois lados (um a favor e outro que questiona a checagem)	Alessandra, Bernardo e Luiz
Avalia ser necessário ter mais Educação Midiática	Carol, Bernardo e Luiz

Fonte: questionário aplicado aos participantes